



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO
DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

ANA PAULA MARTINS FARIAS VASCONCELOS

**MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DAS TEIAS DO VIVIDO À TESSITURA DE
SI POR MEIO DE NARRATIVAS ESCRITAS DE PROFESSORAS: UMA
DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS**

REDENÇÃO

2021

ANA PAULA MARTINS FARIAS VASCONCELOS

**MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DAS TEIAS DO VIVIDO À TESSITURA DE
SI POR MEIO DE NARRATIVAS ESCRITAS DE PROFESSORAS: UMA
DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS**

Dissertação apresentada como exigência do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida.

REDENÇÃO

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Vasconcelos, Ana Paula Martins Farias.

V45m

Memória e formação docente: das teias do vivido à tessitura de si por meio de narrativas escritas de professoras: uma dimensão da Colcha de Retalhos / Ana Paula Martins Farias Vasconcelos. - Redenção, 2022.
103f: il.

Dissertação - Curso de Ensino e Formação Docente, Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Sinara Mota Neves de Almeida.

1. Professores - Formação. 2. Discurso narrativo. 3. Práticas pedagógicas. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370.71

ANA PAULA MARTINS FARIAS VASCONCELOS

**MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DAS TEIAS DO VIVIDO À TESSITURA DE
SI POR MEIO DE NARRATIVAS ESCRITAS DE PROFESSORAS: UMA
DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS**

Dissertação apresentada como exigência do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito para obtenção do título de mestre.

Aprovado em: 17/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Elcimar Simão Martins

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Eunice Menezes de Oliveira

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Margaréte May Berkenbrock Rosito

Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)

Dedico esta pesquisa narrativa (auto)biográfica, inicialmente, a Deus. Em segundo lugar, a todos que me constituíram/constituem e continuar-me-ão constituindo. A todas as pessoas que foram se encontrando enquanto me olhavam, permitindo minha descoberta no outro, compondo-me diariamente daquilo que *fui-nãosou-sou-serei*, aprendendo muito de mim, vivendo, narrando, tecendo e costurando os retalhos da vida com você.

AGRADECIMENTOS

A missanga, todos a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.
(Mia Couto)

O mestrado é como a confecção de um colar de missangas, em que Deus é o fio, e todas as pessoas que estiveram ao meu lado são as missangas, todas no espaço do fio na sua importância singular. Para os agradecimentos, identifico missangas das mais variadas cores, tamanhos e formatos, ao me reportar às memórias de diferentes pessoas que me constituem e me permitiram chegar até aqui. Com o fio (Deus) e as missangas, fiz meu colar singular-plural e registro minha gratidão, primeiramente, a Deus, minha força suprema.

Registro um agradecimento especial à minha orientadora, Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida, que me assumiu e acreditou nesse sonho, hoje realidade, agradeço pela orientação pautada em um elevado e rigoroso nível científico.

Ao Prof. Dr. Elcimar Simão Martins, que sempre acreditou em mim e me acompanhou durante todo o percurso do mestrado, agradeço pelo acompanhamento fecundo, uma visão crítica e oportuna. Agradeço, também, pelo seu “sim” ao convite para composição da banca examinadora de defesa da dissertação. Além disso, compôs a banca examinadora que me avaliou no processo seletivo do mestrado.

À Profa. Dra. Margaréte May Berkenbrock-Rosito, autora do dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos”, a qual me acolheu no Grupo de Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica Pictográfica: representações sociais da experiência estética nos processos formativos. Meus sinceros agradecimentos por tudo, principalmente pelo “sim” ao convite para compor a banca examinadora como avaliadora externa.

À Profa. Dra. Eunice Menezes de Oliveira, que avistou terra boa, esteve comigo desde a sementeira desse sonho, ao enviar-me o edital, acompanhando a partir da somatória de cada etapa do processo seletivo. Gratidão por tudo, você faz parte desta conquista, ela também é sua!

À Profa. Dra. Andrea Abreu Astigarraga, minha professora do Curso de Pedagogia da Universidade Vale do Acaraú (UVA), que me fez aprender sobre as tendências pedagógicas e, após 19 anos, acolheu-me no Grupo de Estudos e

Pesquisas (Auto)Biográficas (GEPAS), além de ter feito a ponte entre mim e a Profa. Dra. Margaréte May. Gratidão pelos acompanhamentos e orientações exemplares fundamentadas por um elevado rigor científico, visão crítica e oportuna, um empenho inexcedível e saudavelmente exigente, os quais contribuíram para o meu enriquecimento.

Ao GEPAS, tão bem liderado pela Profa. Dra. Andrea Abreu Astigarraga. O GEPAS foi um divisor de águas para a minha pesquisa científica. Gratidão a todos os membros do grupo que constituem meu percurso formativo.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Diversidade e Docência (EDDOCÊNCIA), na tríade: Profa. Dra. Sinara Mota, Profa. Dra. Elisângela André e Prof. Elcimar Martins, líderes que conduzem ações docentes com maestria. E pelos valiosos momentos de aprendizagem em suas aulas, nas quais aprendi e me inspirei ao longo do mestrado.

Ao Grupo Narrativa (Auto)Biográfica Pictográfica: representações sociais da experiência estética nos processos formativos, liderado pela Profa. Dra. Margaréte May Berkenbrock-Rosito, pelas ricas leituras e construção de saberes. Sempre fui muito bem acolhida por todos. Gratidão!

Às professoras Alba Flaviana Sousa de Mesquita, Dulcinéa Caetano de Mesquita e Maria Rodrigues Martins Farias, pela disponibilidade e por propiciarem a feitura de uma linda colcha de retalhos como produto educacional do mestrado.

Ao diretor geral, Luciano Feijão, ao diretor administrativo, Lúcio Feijão, e aos demais fundadores do Grupo Luciano Feijão, pela oportunidade concedida a mim, por acreditarem na importância da formação continuada e autorizarem a minha ausência física do Colégio Luciano Feijão todas as sextas-feiras para comparecer às aulas presenciais na cidade de Redenção-CE.

Aos colegas da primeira turma de Mestrado UNILAB-IFCE, em especial, ao trio que deixava as sextas-feiras mais animadas: Biatriz Monteiro, Camila Félix e Paula Trajano.

Ao amigo Cartegiano Nascimento, pelo apoio incondicional das trocas pedagógicas, acompanhamento efetivo no percurso dessa pós-graduação.

Aos professores Kelvis Albuquerque e Rennan Torres, pelo cuidado, disponibilidade, paciência e orientação das melhores palavras para anunciar meu conhecimento.

À Profa. Anna Karla Castro e ao Prof. Raul Castro, pela presença efetiva, dedicação, diálogo, escuta, produção e edição do videodocumentário e pela parceria incondicional de fazer acontecer, porque vocês acreditaram na ideia.

Ao querido time de professores(as) das áreas de linguagens e ciências humanas (6º EF ao 3º EM) do Colégio Luciano Feijão.

À professora Lucélia Aurivilia pelo apoio na língua estrangeira.

Ao intérprete de Libras, Antônio Rodrigues Vieira Filho pela participação no videodocumentário.

À Ana Flávia Santos, pela sua disponibilidade e celeridade sempre que necessário.

À Graça Araújo, pelo incentivo, orações e pela torcida de sempre.

À minha irmã, Viviane Farias, Paulo Braga e às minhas sobrinhas, Marina Kelly Farias e Mirella Farias. Gratidão a Deus pela existência de vocês na minha vida.

Aos meus amados filho e filhas, Paulo Henrique Araújo Vasconcelos Filho, Ana Clara Farias Vasconcelos e Ana Bárbara Farias Vasconcelos, que são as minhas maiores inspirações. “A única eternidade que nos é certa: continuarmos-nos em nossos filhos”, bem diz Mia Couto. É por vocês, com vocês e para vocês!

Ao meu esposo, Paulo Henrique A. Vasconcelos, pelo zelo, dedicação, companheirismo e incansável apoio, o que me fez seguir em frente e chegar até aqui.

Ao meu pai, Olivar Farias, e à minha mãe, Maria Rodrigues, meus exemplos de amor, luta, força, perseverança, honestidade e doação. Vocês são a presença e presente de Deus na minha vida.

Ao Deus Pai, todo poderoso e eterno, que emana força, luz e sabedoria na minha vida.

O mestrado foi uma longa viagem que proporcionou uma trajetória formativa permeada por inúmeros desafios, incertezas, alegrias, superações e muitos percalços pelo caminho. Porém, possibilitou reunir contributos de várias pessoas, indispensáveis para o encontro da melhor direção em cada momento da minha caminhada, delineando e fortalecendo meu percurso profissional.

Ratifico, por fim, que trilhar esse caminho e confeccionar a Colcha de Retalhos só foi possível com o apoio, energia, força, retalhos e um colar de missangas formados por cada um de vocês, a quem eu dedico, especialmente, este projeto de formação pedagógica.

Sonho

Sonhe com aquilo que você quiser.

Seja o que você quer ser,

porque você possui apenas uma vida,

e nela só se tem uma chance de fazer aquilo que quer.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.

Dificuldades para fazê-la forte.

Tristeza para fazê-la humana.

E esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas.

Elas sabem fazer o melhor das oportunidades que aparecem em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram.

Para aqueles que se machucam.

Para aqueles que buscam e tentam sempre.

E para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam por suas vidas.

(Autor desconhecido)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras, na reflexividade (auto)biográfica, elaborada na narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, destacando como a formação das docentes reverbera as nossas práticas pedagógicas. Temos como objetivos específicos construir momentos de reflexão com as docentes participantes a partir de seus processos formativos; verificar se a escola se constitui como potencial que dá visualização de fala e de onde se fala em um movimento de resistência; defender o documento (auto)biográfico como espaço de fala; realizar a narrativa escrita através da Colcha de Retalhos das professoras; construir um documentário como produto educacional do mestrado profissional. Desse modo, utilizamos como referência os estudos de histórias de vida e narrativas (auto)biográficas em Josso (2002; 2004; 2010), Delory-Momberger (2008; 2014), Passeggi (2008; 2010; 2011), Nóvoa (1995; 1998). Como embasamento teórico sobre formação e saberes docentes, apresentamos como referencial Imbernón (2010; 2016), Libâneo (2004), Tardif (2014) e Pimenta (1996). Pautamo-nos em Freire (1993; 2011; 2018) para destacar a importância do desenvolvimento da autonomia, e em Adorno (1995; 2000; 2003), para tratar da emancipação do sujeito. Sob esse viés, vale enfatizar que a abordagem da pesquisa é qualitativa, e a coleta de dados ocorreu por meio da metodologia e epistemologia Colcha de Retalhos, dispositivo ético e estético de formação, formativo e investigativo, de autoria da Berkenbrock-Rosito (2009; 2010; 2014), que se divide nas seguintes dimensões: escrita, pictórica e oral para o trabalho de produção de narrativas (auto)biográficas. Para tratativa dos dados, utilizou-se a análise temática, em Jovchelovitch e Bauer (2015). A partir dos resultados obtidos nas análises na narrativa oral, caminhou-se sob o enfoque da hermenêutica de Gadamer (2000). Nesse sentido, observou-se a importância das narrativas de professoras em fala de si e escuta de si no movimento da formação docente, tendo em vista a autonomia, a valorização do espaço de fala e a emancipação do sujeito, por meio das narrativas (auto)biográficas. Assim, a Colcha de Retalhos favoreceu o desenvolvimento da sensibilidade, o resgate de memórias afetivas, emoções, sentidos e sentimentos adormecidos no tempo de cada uma das professoras, que superam questionários realizados na pesquisa, em um processo de reflexividade da formação humana. Com base nesse percurso, bem como alicerçada no referencial metodológico acenado, defendo a ideia de que as narrativas (auto)biográficas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si e aos outros e, por esta razão, são também relevantes estratégias de formação docente, principalmente em uma perspectiva crítica e emancipatória.

Palavras-chave: Formação docente. Narrativas (auto)biográficas. Colcha de Retalhos.

ABSTRACT

This present dissertation aims to understand the scope of listening to the training of teachers, in the (self)biographical reflexivity, elaborated in written narrative, a dimension of the Patchwork Quilt, highlighting how the training of teachers reflects our pedagogical practices. We have as specific objectives build moments of reflection with participating teachers based on their training processes; verifying if the school constitutes itself as a potential that provides speech visualization and from where one speaks in a resistance movement; defend the (self)biographical document as a space for speech; perform the written narrative thought the teachers' patchwork quilt; build a documentary as an educational product of the professional master's degree. Thus, we used as reference the studies of life histories and (auto)biographical narratives in Josso (2002; 2004; 2010), Delory-Momberger (2008; 2014), Passeggi (2008; 2010; 2011), Nóvoa (1995; 1998). As a theoretical basis on teacher education and knowledge, we present as a reference Imbernón (2010; 2016), Libâneo (2004), Tardif (2014) and Pimenta (1996). We guided on Freire (1993,2011;2018), to highlight the importance of developing autonomy, and on Adorno (1995;2000;2003), to treat the emancipation of the subject. In this bias, it is worth emphasizing that the research approach is qualitative, and data collection took place through methodology and epistemology, Patchwork Quilt, an ethical and aesthetic training, formative and investigative device, authored by Berkenbrock-Rosito (2009; 2010; 2014), which is divided into the following dimensions: written, pictorial and oral for the work of producing (self)biographical narratives. For data analysis, thematic analysis was used, in Jovchelovitch and Bauer (2015). Based on the results obtained in the analysis of the oral narrative, the focus was on Gadamer's hermeneutics (2000). In this regard, it was observed the importance of the narratives of teachers talking about themselves and listening to themselves in the movement of teacher education, with a view to autonomy, the enhancement of the speech space and the emancipation of the subject, through the narratives (self)biographical. Thus, the Patchwork Quilt favored the development of sensitivity, the rescue of affective memories, emotions, senses and dormant feelings in the time of each of the teachers, which overcame questionnaires carried out in the research, in a process of reflexivity of human formation. Based on this trajectory, as well as grounded in the proposed methodological framework, I defend the idea that (self)biographical narratives cause changes in the way people understand themselves and others and, for this reason, They are also relevant teacher training strategies, mainly in a critical and emancipatory perspective.

Keywords: Teacher training. (Self)biographical narratives. Patchwork quilt.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Colcha de Retalho virtual.....	25
Figura 2 – Meu retalho.....	25
Figura 3 – Materiais para a construção da Colcha de Retalhos.....	60
Figura 4 – Materiais para a construção da Colcha de Retalhos.....	61
Figura 5 – Construção da Colcha de Retalhos.....	69

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
EDDOCÊNCIA	Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Diversidade e Docência
EN	Entrevista narrativa
GEPAS	Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGEF	Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
TI	Tecnologia da informação
TICs	Tecnologias da informação e comunicação
UNICID	Universidade Cidade de São Paulo
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	OS PRIMEIROS FIOS DA TESSITURA.....	14
1.1	Vivendo a experiência da narrativa (auto)biográfica.....	18
1.2	Minha primeira experiência na colcha de retalho.....	22
2	MEMÓRIA TECIDA COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO DOCENTE...	32
2.1	Algo de que me lembro.....	36
2.2	Algo quente.....	37
2.3	Algo bem antigo.....	38
2.4	Algo que me fez chorar [...] (ainda me faz).....	40
2.5	Algo que me fez (voltar a) rir [...].....	45
2.6	Algo que vale ouro.....	46
3	SABERES DOCENTES – RETALHOS FORMATIVOS QUE CONSTROEM A COLCHA DE RETALHOS.....	49
4	NARRATIVA ESCRITA: RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO, DOCÊNCIA E DISCÊNCIA – AUTONOMIA OU SUBMISSÃO?.....	57
4.1	Processo de construção da narrativa escrita na feitura da colcha de retalhos.....	63
4.2	Interpretação das narrativas (auto)biográficas a partir da hermenêutica.....	66
5	ANÁLISE DOS <i>BOR-DADOS</i>: NARRATIVA ESCRITA, DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS.....	68
5.1	Reflexões sobre a experiência narrativa escrita na colcha de retalhos: autonomia ou submissão?.....	71
6	O BORDADO FINAL: VIDEODOCUMENTÁRIO COLCHA DE RETALHOS.....	81
7	TECENDO AS CONSIDERAÇÕES: O ARREMATE.....	83
	REFERÊNCIAS.....	86
	APÊNDICE – NARRATIVAS ESCRITAS.....	90
	TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	96
	ANEXO – MEU RETALHO DO MESTRADO UNILAB-IFCE.....	102

1 OS PRIMEIROS FIOS DA TESSITURA

“Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia”.

(Clarice Lispector – *In: A descoberta do mundo*, 1999).

Como nos diz Clarice Lispector, escrever sobre si é o mergulho na própria narrativa, no encontro das coisas que eu não sabia que sabia e naquilo que eu sabia que não sabia, sendo possível ressignificar a tomada de decisão, na viabilidade de revisitar o passado, compreender o presente e refazer o futuro. Considerando que o ser humano se constrói a partir das interações sociais, esta pesquisa reside em compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras que atualmente se encontram na condição de docentes aposentadas, na reflexividade (auto)biográfica, por meio da narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, de autoria da Profa. Dra. Margaréte May Berkenbrock-Rosito, destacando como a formação das docentes reverbera a minha prática pedagógica. Investigar o processo de formação inicial das professoras participantes da pesquisa é motivado pelo intuito de entender como elas podem ressignificar minhas práticas pedagógicas, visto que uma delas foi minha professora polivalente na 3ª série (atualmente 4º ano) do ensino fundamental¹; a segunda me lecionou matemática e inglês da 5ª a 8ª série (atualmente, 6º ao 9º ano) do ensino fundamental. Por fim, a terceira exerceu o cargo de diretora escolar durante esse período que cursei o ensino fundamental.

A pesquisa enaltece as narrativas de três professoras da rede pública municipal utilizando uma das dimensões da Colcha de Retalhos, definindo o processo de (auto)biografar-se, conforme Passeggi (2010):

Por sua vez, ato de *(auto) biografar* define-se por essa capacidade humana de se apropriar de um instrumento semiótico (*grafia*), culturalmente herdado, e se colocar no centro do discurso narrativo (autobiografar), ou colocar o outro como protagonista de um enredo (biografar). O fato (auto) biográfico encontra na narrativa sua forma de expressão mais imediata, a tal ponto de facilmente confundido com ela (PASSEGGI, 2010, p. 111).

¹ Lei n.º 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o ensino fundamental para nove anos.

A aprendizagem acontece nas trocas de experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa, visto que a história de ambos, dentro da complexidade da narrativa, facilita a aproximação e (re)constrói outra representação de si.

As três professoras participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), por isso, terão suas identidades declaradas, tendo em vista que o produto educacional foi um videodocumentário apresentando cenas de relatos durante o período universitário, período da formação inicial. De certo, os retalhos das professoras, excerto de um decurso pessoal-profissional que se coloca por meio de narrativas e caminha com o dispositivo metodológico Colcha de Retalhos, no entrelaçar das tessituras experienciais, podem, no entremeado dos mais variados fios coloridos, forjar singelos entrelaçados na constituição de retalhos que foram alinhavados em um mesmo espaço e tempo.

Esta dissertação apresenta o resultado de uma pesquisa desenvolvida no Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – Mestrado em Ensino e Formação Docente. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa reside em compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras que atualmente se encontram na condição de docentes aposentadas, na reflexividade (auto)biográfica, por meio da narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, destacando como a formação das docentes reverbera a minha prática pedagógica.

Apresentam-se como objetivos específicos construir momentos de reflexão com as docentes participantes a partir de seus processos formativos; verificar se a escola se constitui como potencial que dá visualização de fala e de onde se fala em um movimento de resistência; defender o documento (auto)biográfico como espaço de fala; realizar a Colcha de Retalhos das professoras, narrativa escrita, uma dimensão do dispositivo metodológico Colcha de Retalhos; construir um videodocumentário como produto educacional do mestrado profissional.

Nesse contexto, tencionou-se responder às seguintes questões centrais: em que medida a escuta das narrativas da formação das professoras promove reflexividade de tal forma que contribui para a ressignificação da minha prática pedagógica? Como o fazer pedagógico das professoras pode desenvolver a autonomia e emancipação dos sujeitos no espaço escolar por meio de narrativas (auto)biográficas?

Alinhavando o diálogo com as teorias e experiências docentes, a escola é berço para a atuação do professor na construção e ressignificação da práxis, ou seja, espaço significativo dos mais variados tons e tamanhos de retalhos, cores, espessuras, novelos, em que os fios verticais se entrançam aos fios horizontais do conhecimento, compondo um movimento que transparece a vitalidade na contextura do tecido. A escola, sob essa óptica, é espaço de trabalho e formação, ou seja, de referência para o desenvolvimento docente e, também, discente, onde o professor desenvolve seu ofício de construir conhecimento e fazer docente por meio do exercício do ensinar, sustentado no desenvolvimento da formação continuada, quando esta se atrela ao desempenho profissional.

No entanto, por meio dos objetivos delineados anteriormente, é possível conhecer sobre a formação inicial de cada professora, olhar para o exercício da docência de cada uma, compreendendo que, a partir das experiências individuais no âmbito acadêmico, possibilitando a reflexão sobre que tipo de educadora cada uma se tornou, até me encontrar no processo da docência de cada uma. Enfim, observar, nesse contexto, se a relação delas com o conhecimento foi construída a partir da autoria ou da submissão.

A escola é o meu habitat, local onde nasci, cresci, desenvolvi-me, reconheci-me, aprendi a buscar e exercer a profissão em contínuo crescimento infinito. Amarrada pelo fio do conhecimento, aprender a ser professora me constitui como um processo em desenvolvimento, de descobertas e reconhecimento, permeado por toda a vida. Toda profissão é fundamentada pelo conhecimento teórico e, também, pelo saber da experiência que se constrói na reflexão sobre a própria experiência profissional. A experiência se constrói no contexto vivenciado, em um movimento reflexivo do que acontece e da forma como acontece, experiência esta que se compõe pelas dimensões subjetivas, pessoais, a partir de crenças, percepções, atuações e história de vida.

No emaranhado de fios que amálgama o labirinto do processo formativo, o meu interesse por essa temática foi consolidado quando iniciei minha carreira como docente da educação básica no município de Sobral-CE, egressa do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Desde então, pude vivenciar a realidade escolar diariamente, pois tive a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos no âmbito da licenciatura, tendo a

condição de refletir a respeito da formação teórico-prática docente pela qual perpasssei/perpasso e me ressignifico.

Agrego, ainda, ao relato, ser nascida em uma conjuntura familiar de mulheres de força, de luta e de resistência. Cada vez que volto aos fios que constituem meu retalho de vida, sinto a energia ancestral de uma geração. Minha avó materna, Raimunda Rodrigues (*in memoriam*), era sinônimo de coragem e esperança, mulher negra de decisão e enfrentamento. Nunca frequentou a escola, não teve diploma escolar, porém, formou-se e firmou-se na escola da vida. Mãe de cinco homens e de quatro mulheres, priorizou, como objetivo de vida, educação para todos os filhos, principalmente para as filhas, pois costumava dizer: “Nenhuma mulher deverá se sujeitar ao homem”.

Tal filosofia, vale destacar, estendeu-se até o seu último dia de vida terrena. Na condição de mulher da roça, negra, sem estudo e sem condições financeiras, priorizou a formação de todas as filhas, batendo à porta de cada colégio em busca de bolsa de estudo, mesmo sendo exigida a se sacrificar, mantendo distância física dos seus rebentos, pois conseguira colocar todas as filhas em colégios internos de freiras da região da Serra da Ibiapaba.

Minha mãe, Maria Rodrigues Martins Farias, mulher forte, cheia de sonhos e ideais, nascente de uma família de poucas condições materiais, mas que se constituiu em uma “mulher-filha-mãe-irmã-esposa-professora”, que, na invisibilidade do lar, buscou o ofício da docência como forma de liberdade, independência, autoria e atrevimento.

No entanto, sou filha de uma mulher que encarou o perigo de se assumir dona de si, de, nos fios estreitos, bordar seu retalho, constituindo, na sua narrativa de vida familiar, um filho e duas filhas. Além disso, em pleno século XXI, fez o marido (meu pai) voltar aos bancos escolares para concluir o ensino médio².

Os fios matizados que me compõem como pessoa e professora distendem o meu fio de professora pesquisadora, que se configura ao fio de professora, em uma trama que compreende tecido e nó, ou melhor, meu retalho, unido aos alunos, colegas de profissão e demais funcionárias, na convicção de que toda pessoa traz uma história a ser tecida que se encontra com a história de outras pessoas e são costuradas em uma linha do tempo que agrega saberes, valores, crenças, culturas, aprendizados,

² Meu pai só havia frequentado até o 5º ano ginasial na década de 1970.

etc. É imprescindível construir esse retalho de nós como sujeito que faz o bordado histórico e acrescenta o outro, sendo por ele alinhavado na tessitura da vida através das histórias de si, formando a Colcha de Retalhos.

Nessa perspectiva, constituir-me enquanto professora é um processo de complexidade permanente, de descobertas, humildade e humanidade, iniciado muito antes da formação inicial e permeado por toda a vida profissional, em que, como professora, na minha incompletude, aproprio-me em saberes e desenvolvo minha constituição identitária na constante interação entre outros professores e alunos, a partir de vivências e reflexões formuladas no âmbito da docência.

Compreendendo a escrita como algo que dá visualização de fala e de onde fala o sujeito, pode-se afirmar que é por meio dela que se potencializam a identidade e a memória. Narrar as experiências é dar significado ao vivido, valorizar a memória, contexto em que a publicização delas é um ato amoroso, ético e político, com nascente nas lembranças e poente no campo da ação, possibilitando os processos identitários e trajetórias de autoria da pesquisa narrativa e da escrita docente. Por meio da memória, ratifica-se a capacidade de lembrar, narrar, interpretar, de fazer história, bem como de preservar, diante do esquecimento, as experiências. Ela é instrumento que nos transporta ao passado em busca de entendimento do presente, trazendo à tona elementos adormecidos no sujeito em um determinado tempo. As experiências vividas reelaboram a memória, em que, muitas vezes, não é o acontecimento o ponto mais significativo, mas todos os elementos que preenchem as lacunas que permeiam a rememoração, como circunstâncias, espaços e sensibilidades.

1.1 Vivendo a experiência da narrativa (auto)biográfica

A experiência epistolar no ateliê (auto)biográfico desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (UNILAB-IFCE), no componente curricular Identidade e Memória, ministrado pelos Prof. Dr. Elcimar Martins e Profa. Dra. Elisângela André, oportunizou espaços-tempos formativos por meio das histórias de vida partilhadas em um coletivo de mestrandos/professores da educação básica, em que me incluo como mestranda participante, possibilitando a rememoração e análise de trajetórias de vida e formação, escolhas e caminhos percorridos para atingir os objetivos e os sonhos para o futuro dos envolvidos. Enfim, o mestrado representa um caminho a percorrer, longo, cheio de altos e baixos, permeados de aprendizados

conquistados com dedicação, vontade e pesquisa, no qual os fios narrativos costumam retalhos da vida dos mestrandos nas suas mais variadas cores, fundindo-se em uma única direção, formando uma história e muitas outras que cada pessoa carrega na sua constituição identitária.

O ateliê (auto)biográfico foi um disparador para a trajetória da minha pesquisa, visto que ele contemplou todo meu percurso. Mostrou-se como uma possibilidade de desenvolver a autoconfiança, autovalorização dentro de um mergulho subjetivo de cada participante, exercício de experienciar-se na própria narrativa, inter cruzando-a com outras narrativas, fazendo, também, com que, a partir das minhas histórias, fosse possível encontrar as histórias dos outros, em uma espécie de combinação, ou não, para, dessa forma, dar sentido ao que e a quem sou.

O exercício de voltar o olhar para si nos permitiu realizar um movimento interno delicado, difícil e exigente, com o poder de nos despir de ideias preconcebidas para uma maior lapidação de quem somos ou seremos. Dentro de um movimento íntimo dançante, que gira em um espiral de dentro para fora, caminhamos sobre uma linha imaginária sequencial de produção escrita do nosso ser.

O movimento de escrever sobre si é um convite a exercitar a memória, retomando elementos da trajetória de vida, formação e trabalho. Souza (2008, p. 45) afirma, ainda, que: “a escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinando possibilidades sobre a formação através do vivido”. A partir do meu interesse, valorização e objetivo de conhecer, com profundidade, a pesquisa (auto)biográfica, integrei-me ao Grupo de Estudos em Pesquisas (Auto)Biográficas (GEPAS), coordenado pela Profa. Dra. Andrea Abreu Astigarraga, do qual faço parte como membro, participando efetivamente da programação.

Para tanto, a escrita narrativa propicia o questionamento do sujeito sobre o sentido de sua própria vida, aprendizagens, experiências, e implica reflexões ontológicas, culturais e valorativas de cada um, ou seja, baseia-se na construção das relações entre o homem e os processos de reflexão que possibilitam a ressignificação da identidade nos âmbitos pessoal e profissional; em outros termos, é:

[...] assumir posicionamento narrativo pressupõe nos distanciarmos da ideia tradicional de que a finalidade da investigação é apenas produzir conhecimento e assumir que também pode possibilitar formas de compreensão da realidade em que os sujeitos e os possíveis leitores possam reposicionar-se (MARTINS; TOURINHO; SOUZA, 2017, p. 54).

As narrativas determinam os sujeitos a revisitar suas vivências, questionando e produzindo realidades que anteriormente eram concebidas como certas, revelando a cultura de cada um com o poder de mobilizar e transformar a realidade. Ao narrar a trajetória profissional, o docente tem a oportunidade de manter contato com o “docente ideal e docente idealizado”, o qual, partindo dessa percepção, transforma sua história. A narrativa escrita tem possibilidade de desvelar ações intersubjetivas, a partir das quais o docente desenvolve seu pensar, sentir e olhar reflexivo, tendo, também, como base os múltiplos contextos vivenciados, reconstruindo-se de forma identitária e autoral, de modo a recobrar situações ocultadas da sua vida pessoal que contribuirão para o seu processo formativo de forma crítica.

Josso (2004) trata a vida na compreensão de um campo formativo:

O passado (a trajetória de vida centrada em sua formação) explica a intencionalidade presente, permite compreender o que pode vir a acontecer, e, por seu turno, a intencionalidade presente explica o passado e permite compreender o que ainda não ocorreu. É o encontro desses dois procedimentos interpretativos que se postula a possibilidade de emergência de uma tomada de consciência do sujeito descobrindo sua margem de liberdade, no próprio centro das determinações que a limitam, tanto no que ainda não ocorreu e, que recusou a ser, quanto no que pode vir a acontecer e que procura ser (JOSSO, 2004, p. 99).

O professor que escreve a sua própria narrativa de vida resgata o protagonismo na voz de sujeito, através do desvelar de momentos, imagens e visualizações de suas trajetórias, focando as lentes para um olhar investigativo, escrutinador e sensível em busca de significado e coerência. Em outras palavras, move o sujeito a pensar por si próprio, e materializar seu pensar na linha da escrita, desenvolvendo sensibilidade e a reflexão crítica.

As narrativas (auto)biográficas, como via para o conhecimento, possibilitam aos indivíduos se desenvolverem dentro de um contexto intelectual que não se reduz a uma tarefa técnica ou mecânica, pois, em uma perspectiva hermenêutica, há a benquerença das peculiaridades das experiências privadas que emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade, das interpretações, das experiências privadas, compreendendo as singularidades e pluralidades da vida humana, em um fio que entrelaça significados e representações, na temporalidade que evoca memória e construção da identidade, pois “[...] lembrar não é reviver, mas

refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2004, p. 55).

Como destaca Bosi (2004), a formação identitária é extraída do vínculo com o passado, que guarda a cultura mais profunda de um povo como riqueza do tecido social. Nesse contexto, se o fio da memória se desgasta, é parte da história tecida que se danifica. A imersão no passado é a confluência com a historicidade que viabiliza fecundos feitiços de construir novos saberes que possam ser revestidos nas práticas dos tempos contemporâneos. O passado deve continuar morando no presente com a finalidade de recriar o futuro.

O passado é conteúdo das memórias evocadas pela movimento da comunicação. Assim, podemos dizer que:

A memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...] Continuando a escutar, ouviríamos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito (BOSI, 2004, p. 39).

Bosi (2004, p. 49) cita-nos à imagem-lembrança, e “esta nos traz à tona momentos únicos, singulares, não repetidos, irreversíveis, da vida. [...] A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada”.

No viés subjetivo, rememorar produz a vivência de emoções, sentidos e significados diferenciados em cada uma das participantes no mesmo contexto, que vão modificando a forma de percepção das suas experiências, afetos, trajetória de vida etc.

Para tanto, a singularidade das memórias, Bosi (2004) refere-se aos depoimentos orais, em que as participantes evocam, dão voz, dizem novamente o conteúdo de suas lembranças. Para ela, “enquanto evoca, está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência” (p. 44).

As narrativas (auto)biográficas nos possibilitam a sensibilidade de enxergar e escutar o outro, conhecer sua narrativa e entender como ele pensa sua trajetória de vida e formação. A narrativa acontece por meio da evocação de memórias, em que os tempos passado, presente e futuro se entrelaçam no tecer de fatos que trazem à tona o que tabela, gráficos, números e outras fontes não conseguem transmitir.

Na lição de Passeggi (2008):

Auto-bio-grafar-se é aparar a si mesmo com as próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar; aperfeiçoar; resistir ao sofrimento, cortar o que é excessivo e, particularmente, como se diz no Nordeste do Brasil, aparar é ajudar a nascer. Esse verbo rico de significado

permite operar a síntese do sentido de bio-grafar-se, aqui entendido, ao mesmo tempo, como a ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita (PASSEGGI, 2008, p. 27).

Por meio das narrativas, conferimos sentidos e significados às histórias de vida dos sujeitos mediante dimensões pessoais e sociais. Ademais, uma abordagem (auto)biográfica reflete dimensões sociais, pois “[...] as pesquisas são guiadas pelo desejo de considerar o que a pessoa pensa sobre ela e sobre o mundo, como ela dá sentido às suas ações e toma consciência de sua historicidade” (PASSEGGI, 2010, p. 122).

A narrativa escrita tem possibilidade de desvelar ações intersubjetivas, a partir das quais o docente desenvolve seu pensar, sentir e olhar reflexivo, tendo, também, como base os múltiplos contextos vivenciados, reconstruindo-se de forma identitária e autoral, de recobrar situações ocultadas da sua vida pessoal que contribuirão para seu processo formativo de forma crítica. Dessa forma, pode-se entender a memória como elemento, ou seja, escrita reflexiva e crítica das experiências formativas docentes, registro que contempla diversas experiências da formação pessoal e profissional.

No transcorrer das narrativas, a memória terá possibilidade de reunir fato passado com os conceitos de representatividade de hoje daquela determinada lembrança, visto que a narrativa não se detém na linearidade que agrega espaço-tempo, uma vez que a memória resgata a vivência do sujeito, articulando os tempos passado, presente e futuro, pois “[...] a perspectiva tridimensional do tempo narrado também se apresenta no tempo/vivenciado, com as ambiguidades e, mesmo, contradições no seio dessas três instâncias, passado, presente, futuro” (ABRAHÃO, 2004, p. 207).

Para produzir um retalho, faz-se necessário planejar os instrumentos e procedimentos metodológicos adequados com base nos objetivos traçados. A fim de alcançar os objetivos da pesquisa, escolheu-se trabalhar com uma dimensão do dispositivo metodológico da Colcha de Retalhos, procedimento investigativo com o qual tenho vivência.

1.2 Minha primeira experiência na colcha de retalho

A cada encontro formativo do GEPAS, bebíamos na/da fonte do conhecimento. Em tal caso, a Profa. Dra. Margaréte May Berkenbrock Rosito, da Universidade

Cidade de São Paulo (UNICID), esteve em um encontro formativo virtual, tratando sobre o dispositivo metodológico e investigativo de sua autoria, por meio de uma significativa palestra com a temática “Metodologia Colcha de Retalhos – organização e análise das narrativas (auto)biográficas”.

Em cada retalho, um significado, sentido e sentimento, muito bem explanado e ainda na condição de poder “beber na fonte”, ou seja, oportunidade ímpar de ter a autora dialogando sobre o surgimento da Colcha de Retalho. Na finalização do respectivo encontro, de repente, a Profa. Dra. Andrea Astigarraga conseguiu a participação de três integrantes, e, para a minha felicidade, fui a felizarda a ocupar uma das vagas para participar dos encontros com o grupo de orientandos, com encontros virtuais marcados para todas as quartas-feiras.

No dia 15 de maio de 2021, oficializei minha entrada no grupo de orientandos da Profa. Dra. Margaréte May, passando a frequentar os encontros por meio de plataformas digitais, fazer as leituras indicadas para cada sessão, amplificando meus conhecimentos sobre a pesquisa (auto)biográfica. Participar do dispositivo Colcha de Retalhos foi a possibilidade de me sentir implicada como “sujeito” social, autora de narrativa de si, costureira de um retalho composto por conhecimento, resistências e pertencimentos.

No dia 16 de junho de 2021, apresentei meu primeiro retalho a ser costurado aos demais retalhos dos orientandos da Profa. Dra. Margaréte May. Experiência singular na construção de uma Colcha de Retalhos virtual, por estarmos em quarentena devido à pandemia da covid-19³. No entanto, de outra perspectiva, foi justamente isso que aproximou regiões do Brasil e uniu pesquisadores a um propósito, ou seja, viver a construção de uma Colcha de Retalhos virtual. Como tarefa, cada participante deveria ter construído um retalho a ser apresentado no encontro e costurado aos demais.

A partir da construção do meu retalho, trago apontamentos do processo inicial, configurado como a primeira parte, que é atividade de pensar quais elementos constitutivos farão parte do retalho. Nesse momento, percebia que meu retalho comportava muitas histórias e que algumas delas, soltas no tempo, hoje respondiam o motivo pelo qual determinadas posturas eram assumidas por mim diante de situações adversas. Essa experiência proporcionou narrar minha vida com filtros de

³ O período histórico de realização da pesquisa de campo foi marcado por uma pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, causador da covid-19, que atingiu proporções mundiais.

hoje no intuito do propósito futuro, pautada na fala de Bragança (2014, p. 84-85) “[...] é o sujeito que, ao narrar, busca, no presente, a memória do passado em suas representações para reconstruí-la, transformá-la e, assim, progredir, avançar na visão do presente e no projeto do futuro”.

Durante a elaboração do meu retalho, pensar os elementos, as cenas e o que bordar para me representar na atividade do grupo me remeteu à compreensão literal da dobradiça da minha vida: a notícia da possibilidade de um melanoma na minha filha. Esse momento charneira, denominado por Josso (2006), foi crucial na minha vida, desestruturou-me em todos os aspectos, demandou uma reconstrução do meu ser, de enxergar minha fragilidade humana e aceitá-la, entendendo que podemos ser fracos e incapazes em determinadas circunstâncias da vida. Oportunamente, precisava me refazer e olhar o mundo por outros ângulos. E foi nessa atividade que mergulhei em lágrimas porque a emoção tomou conta de mim e necessitava esvaziar meu ser, aliviar minha dor e me fazer resgatar lembranças de um tempo dolorido.

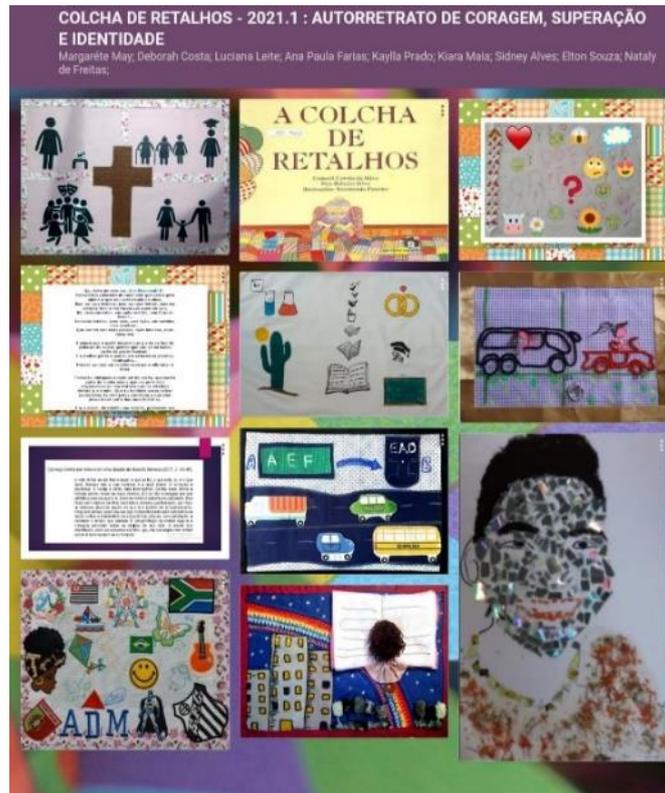
A tessitura do meu retalho pictográfico, na participação da Colcha de Retalhos, teve a Profa. Dra. Margaréte May, autora do dispositivo metodológico, como minha condutora, motivo que me honrou, numa tarde que me permitiu um transbordar de emoções, o qual não coube em mim. Diante disso, não fui capaz de me conter.

Esse momento restaurador se configura como experiência formadora, pois:

[...] falar das suas experiências formadoras é, pois, uma certa maneira de contar a si mesmo a sua própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Mas é também uma certa maneira de representarmos o facto que neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe a nossa consciência da qual ela extrairá as informações úteis às nossas transacções connosco próprios e/ ou com nosso meio humano e natural (JOSSO, 2002, p. 34).

Experienciar o dispositivo Colcha de Retalhos resultou em mim reflexões sobre minha história de vida, como ela se interliga à história de outras pessoas, dentro de um campo de horizontalidade dialógica e sensível, causando-me a sensação de acolhimento e pertencimento a um grupo, no qual cada participante tem seu espaço de fala e de escuta empática, elemento substancial para o meu processo formativo, enquanto pessoa e profissional.

Figura 1 – Colcha de Retalho virtual



Fonte: Colcha de Retalho – acervo da autora.

Figura 2 – Meu retalho



Fonte: acervo da autora.

A Figura 1 é a Colcha de Retalhos costurada virtualmente no mês de junho de 2021, sob a condução da professora Margaréte May. Em seguida, na Figura 2, tem-se a construção do meu retalho, apresentado ao grupo de pesquisa. Ao elaborar o meu retalho a ser costurado aos demais para compor a Colcha de Retalhos, formalizei-o em desenhos simples. No entanto, apresentei, por meio de expressões faciais (*emoji*), o meu estado diante da notícia do quadro que ora se desenhava para a minha filha. Animais e flores me transportavam ao passado, ou melhor, à leveza da minha infância, ao meu contato com a natureza. As pessoas-palito, a única formatação de pessoa que sei fazer, representavam as pessoas da minha família, meus colegas de trabalho e amigos. Ali, eu me encontrava no meio da energia deles, porém, minhas energias estavam enfraquecidas, a sensação era a de estar próxima de todos, mas cada um no seu espaço. Nesse movimento, pude refletir sobre a minha história, ouvir os colegas e compartilhar experiências. É nesse movimento dialético:

[...] que nos formamos enquanto humanos, quer dizer, no pólo da auto-interpretação, enquanto seres capazes de originalidade, de criatividade, de responsabilidade, de autonomização, mas, ao mesmo tempo, no pólo da co-interpretação, partilhando um destino comum a nossa pertença a uma comunidade. É nesta polaridade que vivemos plenamente a nossa humanidade, nas suas dimensões individuais e coletivas (JOSSO, 2002, p. 40)

O coração ali representado na imagem trazia medo, angústia e tristeza ao receber a suposta notícia, ou seja, receber o laudo clínico da minha filha, sentimentos que perduraram até o refazimento do estudo das lâminas. Com a graça de Deus, recebemos um resultado que acusava falso-positivo. E, ainda assim, a vida me trazia muitas interrogações do que viria pela frente. O girassol era a interpretação que eu fazia de força diante da adversidade e comportamento dele ao se voltar para o sol como fonte de luz que ele precisava para resistir.

E, diante da narrativa exposta no meu retalho e do momento charneira, das circunstâncias experimentadas que rasgavam meu viver, a poesia me acalentava, era afago, ao mesmo tempo que traduzia meus sentimentos e desejos de gritar e calar, correr e parar. Nesse contexto, cabe destacar que uma poesia que me acompanhou nesse período de vida e formação, a qual traduz várias passagens da minha trajetória de vida, é: “Calar o grito/e gritar o silêncio”, de Elizandra Souza:

Entoa a canção...
 Harmoniza os passos descompassados
 Pulsam de vida: a voz, a vida e a rima
 As crianças ouvem o silêncio das palavras
 Os homens insultam os gritos das crianças
 As mulheres desejam os silêncios e os gritos

Os gritos e os silêncios...
 Neste ritmo...
 O silêncio...
 O grito...
 O silêncio...
 O grito...
 O grito...
 O silêncio...
 No fundo elas vão calar o grito...
 Calar o grito!
 Gritar o silêncio! (SOUZA, 2012, p. 83).

Assim, eu caminhava querendo calar o que gritava dentro de mim, ao mesmo tempo, queria gritar esse silenciamento tensionado na cadência dos versos que traduzia em mim fragilidade e fortaleza. Em outras palavras, no exercício de rememorar, o grito e o silêncio moravam em mim e revelavam a construção da pessoa e profissional que eu sou e que, constantemente, (auto)formo-me. O grito e o silêncio revelam as relações que construo ao longo da vida diante das experiências formadoras de mim, e sofro, muitas vezes, por ter que calar quando o que mais preciso é gritar.

Entre o grito e o silêncio era tecido a produção da temporalidade mutável que ao ser resgatada e contada fortalecia a construção da minha identidade.

Paulo Freire nos deixa como legado a tarefa de compreender o processo de conscientização do ser humano como inacabado, pois sempre há possibilidade de aprender a refletir e se transformar a partir do vivido, inspirando-nos a entender a humanização do ser, como processo de luta, resistência, do combate ao negacionismo, respondendo sim à vida, muitas vezes negada. O sim à vida representa a anunciação de horizontes, da postura da indignação e denúncia de fazeres pedagógicos e processos de formação que induzam à desumanização.

O dispositivo de formação docente e investigação Colcha de Retalhos completa 20 anos de sua criação, em 2021. Originou-se a partir de uma proposta dos alunos do curso de Pedagogia do Centro Universitário São Camilo/SP para Berkenbrock-Rosito (2009), balizada a partir do filme Colcha de Retalhos (*How to make na American quilt*, de Mocolin Moorhouse, EUA, 1995), com a inserção proposta no seu fazer docente, estruturando e dando corpo a esse procedimento teórico-metodológico, emergindo a cada experiência discente na costura de uma Colcha de Retalhos.

Berkenbrock-Rosito (2009) anuncia que “[...] as narrativas autobiográficas visam articular novos conhecimentos a partir da experiência do professor,

oportunizando-lhe, como sujeito aprendente, construir teorias significativas e contextualizadas” (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 495).

A Colcha de Retalhos é comprometida com o desenvolvimento da criticidade do sujeito dentro das dimensões escrita, oral e pictórica, na qual oportuniza diversificados processos narrativos, tais como: narrativas biográficas, (auto)biográficas, fílmica, oral e pictórica compreendida como fenômeno antropológico educacional, além de dispositivo de formação inicial e continuada, e método de pesquisa, na contramão de uma educação que enxerga o sujeito como um vazio, disponível ao recebimento de informações determinadas, tolhendo a autonomia e emancipação do sujeito. Ainda mais, a narrativa se constrói pela composição de histórias individuais e coletivas, dentro da singularidade das histórias elaboradas no coletivo, tornando, nessa construção, as narrativas em documento (auto)biográfico.

A Colcha de Retalhos vem outorgar as sensações epifânicas como presentificação do habitado no nosso interior que retumba, no aflorar à superfície nossa sensibilidade, ou seja, deixando vir à flor, sentimentos de alegria, prazer, emoção, tristeza, medo, comoção, etc., irrigando a experiência estética no rompimento da condição de passividade do sujeito, sobretudo, no descomprimir da consciência que constrói a identidade estética, no processo criativo e imaginário, ressignificado pelo espaço de voz que é dado ao sujeito, que transpassa a vida na proposição da descoberta de si, resultando a curiosidade epistemológica, resultante das sensações e percepções experimentadas a partir da curiosidade estética.

A dimensão da educação estética começa em si mesmo, nas trocas de experiências com o outro e na relação de infinitude com o mundo, revelando-se nos processos formativos autobiográficos por meio da construção tecida em retalho, com a arte da história de si, na apropriação simbólica na própria história. Berkembrock-Rosito (2010) declara que:

Narrar a própria história significa narrar a realidade brasileira do mundo, um saber cheio de perplexidades, dúvidas, questionamentos, descobertas e ansiedades, para compreender como o sujeito faz a História. Ao contar, o sujeito desvela a si mesmo e ao outro, mostrando o sentido de narrar a história de si no contexto da formação de professores (BERKEMBROCK-ROSITO, 2010, p. 34).

Nessa lição, ratifica-se que narrar-se é o percurso a se fazer para a construção da identidade narrativa, resultado do encontro do sujeito com a própria história, na hermenêutica intensificada da sua respectiva vida no processo de práxis histórica.

A Colcha de Retalhos é uma epistemologia constituída na autonomia e na emancipação dos participantes, em que cada retalho-história é representado simbolicamente pela narrativa escrita, à medida que vão costurando coletivamente e formando a Colcha de Retalhos, considerada dispositivo estético e ético de formação, baseado numa metodologia reflexiva.

A proposta da Colcha de Retalhos é estabelecida nas dimensões da narrativa escrita, oral e pictórica. A dimensão escrita da Colcha de Retalhos se caracteriza pelo percurso (auto)formativo do sujeito por meio de três procedimentos, dos quais o primeiro diz respeito a relatos de cenas marcantes de sua experiência na educação básica ou superior: ensino médio, graduação ou mestrado etc.; ao destaque acerca de como se deu a relação com o conhecimento, isto é, qual a relação com o professor; e, por fim, a que aluno fui, sob os aspectos de autoria ou submissão. Além disso, compreende, ainda, os momentos charneira e a narrativa fílmica.

A partir da narrativa escrita, passamos à outra dimensão, que é denominada de narrativa pictórica, em que imagens e metáforas nos relatos escritos são geradoras da confecção imagética do retalho. A história narrada nos retalhos, considerada experiência estética, parte das imagens-pictóricas daquilo que efetivamente afeta o sujeito no âmbito da fruição, na contramão da concepção científica e materialista.

Nessa etapa, não há regra determinada a ser cumprida, a imaginação, criatividade e sensibilidade são elementos indispensáveis que podem lançar mão dos mais diversos materiais, como purpurina, lantejoulas, bordados, fitas, tintas, recortes de imagens de tecidos e até do próprio tecido, que poderão ser colados ou costurados, e a seleção do tecido e dos materiais utilizados para o retalho pode ser de acordo com o contexto da história de cada sujeito. Cada retalho traz a singularidade de cada narrativa e seus sujeitos, que após a construção do retalho passam para condição de espectadores, onde na junção das cenas de suas respectivas autorias se misturam a coletividade respeitando o singular de cada um.

Com a narrativa tecida no retalho, coroa-se a terceira dimensão do dispositivo Colcha de Retalhos, que é a narrativa oral, ocasião que reúne os participantes para contarem suas respectivas histórias e ouvirem a história dos outros, dando permissão para que lembranças se entrelacem. Diante disso, muitas vezes, ao esbarrarem em tais memórias, podem perceber que toda situação semelhante fora solucionada à maneira de cada um, ratificando a autoria do sujeito e reconhecendo a sua identidade,

a conjuntura de cada retalho costurado aos demais, formando, assim, a Colcha de Retalhos.

No arremate da Colcha de Retalhos, a autogestão se apresenta na costura dos retalhos em que se objetiva formar um único tecido que parte da individualidade de cada um e se expande, tornando o momento coletivo. Na exposição da Colcha de Retalhos, no acabado do inacabamento, os audientes-observadores são os protagonistas, no entanto, futuramente, estarão ainda mais imersos nesse ciclo.

Caminhando por entre os fios, linhas, retalhos, bordados e alinhavados para a feitura da Colcha de Retalhos, apresento a estrutura do meu percurso de escrita, a partir da qual se organizou o texto em seções.

Na primeira seção, intitulada de ***Os primeiros fios da tessitura***, há uma síntese da dissertação para situar a leitura, explicitando, por meio da narrativa, as motivações para caminhar com a pesquisa (auto)biográfica, visto que essa abordagem aproxima o pesquisador dos participantes, além de permitir ao pesquisador desenvolver uma escuta/leitura sensível de si, como ponto de partida.

Na segunda seção, ***Memória tecida como elemento de formação docente***, destaca-se a importância das memórias narrativas no processo formativo, explicitando os fios que, no emaranhado, darão o formato aos bordados-histórias, ou seja, a constituição profissional. No esteio dessa prerrogativa, a lógica da dominação pode ser vencida pela consciência histórica, posto que a pesquisa (auto)biográfica se funda em bases dialógicas, estabelecidas pelo caráter heurístico e formativo, superando as epistemologias colonizadoras, por meio de narrativas interpretativas e ação transformadora.

Na terceira, de nome ***Saberes docentes: retalhos formativos da Colcha de Retalhos***, costuras retas, cruzadas e entrelaçadas retratam a questão da formação docente, cujo embasamento é pautado em autores renomados que fundamentam este texto, alinhando isso à importância da escrita narrativa. Sob esse viés, a formação do professor, alicerçada nas vivências praticadas em sala de aula, produz conhecimentos reais e significativos. Nesse ponto, além de conhecer a junção dos saberes epistemológicos agregados aos saberes práticos, oportuniza a realidade refletida nas ações cotidianas e práticas pedagógicas. Para tanto, a pesquisa reside em escutar narrativas das três professoras, as quais são referentes à época de suas respectivas formações superiores, ou seja, quando frequentavam o curso universitário.

Já a quarta seção, nomeada de ***Narrativa escrita: relação com o conhecimento, docência e discência: autonomia ou submissão***, contempla o percurso metodológico da pesquisa com dados relevantes sobre a observação realizada durante a aplicação da dimensão narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, de autoria por Berkenbrock-Rosito (2009), e trata do processo de análise das narrativas, por meio de Gadamer, ancorado pela realização da entrevista narrativa de Jovchelovitch e Bauer (2015).

Na quinta seção, ***Análise dos BOR-dados – narrativa escrita, dimensão da Colcha de Retalhos***, destacar-se a análise a partir do estudo realizado com três professoras, atualmente na condição de docentes aposentadas, partindo de três indagações, por meio da entrevista narrativa, tratando os dados, utilizando a análise temática de Jovchelovitch e Bauer (2015).

Na sexta, ***Tecendo as considerações: o arremate***, há a feitura da Colcha de Retalhos, resultando no videodocumentário sobre a Colcha de Retalhos como produto educacional, como uma das características do mestrado profissional, considerando que, a partir do percurso narrativo e de interações sociais, plasmadas pelas histórias cotidianas das professoras participantes, no caminho da reflexão, reverbera a construção da narrativa de outros professores.

Para tanto, cada sujeito traz seu enredo dentro de uma subjetividade costurada em um tempo de consciência de si, em que cada um, por meio da história de vida, é ator da experiência de si e das representações construídas por ela. Traz, também, uma identidade ímpar que carrega uma maneira peculiar de olhar, sentir e estar no mundo, que também propicia enxergar e fazer educação por meio das marcas da sua época em determinados contextos histórico e social. Isso significa que o tear do fio histórico de um sujeito se entrelaça aos fios de outros sujeitos na tessitura histórica da humanidade.

2 MEMÓRIA TECIDA COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Nas teias do vivido, reencontro minhas memórias do mestrado, disparadas pelos objetos que nela estavam acomodados e que deixaram marcas indeléveis em minha trajetória de vida. Memórias que foram elucidadas e atinentes à produção de conhecimento do meu percurso formativo, deslindada, também, por aspectos visibilizados nas ações do menino Guilherme Augusto Araújo Fernandes (FOX, 1984), personagem de um livro literário que, por meio de objetos disparadores, faz Dona Antônia rememorar lembranças e experiências vividas, na elucidação de: memórias de algo quente, algo bem antigo, algo que o faz chorar, algo que a faz rir e algo que vale ouro.

Corroborando o conceito de memória encontrado pelo Guilherme Augusto Araújo Fernandes ao perguntar sobre o que é uma memória, intensifico que memória é um elemento presente, diariamente, na vida de todos os sujeitos e traz consigo elementos de suas respectivas vivências, tanto individuais quanto coletivas. Ghedin (2005, p. 141) nos diz que “Conhecer é desvendar, na intimidade do real, a intimidade de nosso próprio ser”, sinalizando-nos que a sensibilidade do pesquisador acontece no contato com a realidade, sobre a movimentação da própria vida e diálogos com novos paradigmas.

- O que é uma memória? – perguntou Guilherme Augusto.
Ele vivia fazendo perguntas.
- É algo de que você se lembre – respondeu o pai.
Mas Guilherme Augusto queria saber mais; então, ele procurou a Sra. Silvano que tocava piano.
- O que é uma memória? – perguntou.
- Algo quente, meu filho, algo quente.
Ele procurou o Sr. Cervantes que lhe contava histórias arrepiantes.
- O que é uma memória? – perguntou. - Algo bem antigo, meu caro, algo bem antigo. Ele procurou o Sr. Valdemar que adorava remar.
- O que é uma memória? – perguntou.
- Algo que o faz chorar, meu menino, algo que o faz chorar.
Ele procurou a Sra. Mandala que andava com uma bengala.
- O que é uma memória? – perguntou.
- Algo que o faz rir, meu querido, algo que o faz rir.
Ele procurou o Sr. Possante que tinha voz de gigante.
- O que é uma memória? – perguntou.
- Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro [...] (FOX, 1984, p. 10-15).

Nessa perspectiva, a memória é um elemento presente no contexto de vida de todos os sujeitos e conta com elementos da trajetória de vida, sobretudo porque a arte

de lembrar leva o sujeito a se observar em uma dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências (SOUZA, 2007).

Nessa direção, compreende-se, ainda, a escola como repositório de histórias de vida docentes e contribuições ricas devido ao reflexo de contextos sociais, políticos, históricos e ideológicos que tem na sua constituição docentes, portanto, professores tradicionais, republicanos, operários, democratas, fascistas, progressistas, tecnocráticos, etc. Assim, não podemos deixar de valorizar a memória, realçando que muitos professores, durante o século XX, foram mortos ou exilados por defenderem diferentes ideais, sendo um século cruel da história da humanidade, com pequenas e grandes guerras, extermínio e torturas desumanas. Deste modo, “[...] o melhor tributo que lhes podemos oferecer é nos lembrar deles. A memória é a raiz do futuro e ninguém pode roubá-la de nós” (IMBERNÓN, 2016. p. 40).

Sob esse viés, o trabalho com memórias permite ao professor desenvolver a compreensão crítica e situada da história da educação, pois, também no movimento de olhar para dentro de si, os profissionais têm condições de perceber o fenômeno educativo a partir de suas experiências.

Bueno *et al.* (1993) destacam a importância da memória e sua relação com a formação docente quando afirmam que:

[...] os trabalhos com histórias de vida e relatos autobiográficos na investigação educacional adquirem grande interesse e relevo muito especial. Ao lançar um olhar mais detido e mais arguto sobre o seu passado, os professores têm a oportunidade de refazer seus próprios percursos, e a análise dos mesmos tem uma série de desdobramentos que se revelam férteis à instauração de prática de formação (BUENO *et al.*, 1993, p. 38).

Abrahão (2004) sinaliza que a memória é um processo que acontece no instante em que ela é acionada pelo processo de narrar, que estabelece os sujeitos narrador e o ouvinte. Este, por sua vez, assume o papel de ouvir, transcrever, dialogar com a história de vida do narrador, de forma que “[...] o ressignificar os fatos narrados nos indicam que, ao trabalharmos com memória, fazemo-lo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não” (ABRAHÃO, 2004, p. 211).

O conhecimento de si proporciona ao sujeito ultrapassar o campo do desconhecido e da ignorância, levando-o à compreensão e à reflexão comportamental, histórica, social, etc. Conhecer é descortinar o eu e compartilhá-lo

como elemento que oportuniza, também, ao outro se encontrar, revelar-se e se perceber como construtor da história dentro de um determinado espaço e temporalidade, dimensões pessoais adormecidas que podem ser recuperadas mediante o rememorar. O exercício de rememorar pode acontecer por meio de dispositivos, como cheiros, objetos, pessoas, sabores, sentimentos, vivências, dentre outros, que alcancem as lembranças de cada um, que são singularidades e constituem o ato de percepção do sujeito no mundo enquanto ser social, dentro da pluralidade.

A memória e a narração exercem importante papel neste processo. A memória como possibilidade de romper com a linearidade de um cotidiano mecanizado, como interrupção de um tempo “cronológico” e “vazio”, como resgate da multiplicidade do tempo e de experiências plenas. O sentido da experiência plena é definido pela natureza coletiva de sua construção. E a narração vem como possibilidade de partilha destas experiências. O processo identitário vai conjugando as múltiplas instâncias de produção dos saberes docentes e possibilitando entrelaçar as experiências do passado e do presente vislumbrando a construção de projetos futuros (BRAGANÇA, 2011, p. 69).

O movimento de escrever as próprias experiências convida as professoras participantes a exercitarem a memória, retomando elementos de sua trajetória de vida, formação e trabalho. Souza (2008, p. 45) afirma, ainda, que: “a escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinando possibilidades sobre a formação através do vivido”. O ato de escrever sobre a minha trajetória formativa vai além de registrar minha biografia, é escrever sobre o que e quem me constituem.

À procura de objetos para rememorar minhas lembranças tão bem vividas, apresento objetos, como o giz de cera, ou melhor, os cheiros dos gizes de cera, chegando a ter muito vivo na memória o cheiro, junto com todas as demais sensações, as quais me tocavam e hoje me ressignificam. Alguns gizes traziam um cheiro intenso, outros, cheiros neutros e até um cheiro acre, como os gizes na cor verde. Assim como os variados cheiros, eram pintadas as minhas lembranças, umas felizes, outras tristes, algumas suportáveis e outras insuportáveis, que eram reavivadas e/ou amenizadas, principalmente quando eu as conseguia traduzir por meio de desenhos e pintá-las com meus gizes de cera.

Outro objeto a ser destacado é o diário. Confidente e amigo fiel da/na minha adolescência, ao revisitá-los (ainda tenho alguns), quantas coisas eu encontro e

rememoro! Escrita repleta de singularidade, sensibilidade, sonho, desejo, angústia, tristeza, alegrias, primeiro beijo, paixões resolvidas e até mal resolvidas, também.

As bonecas de pano feitas pela minha avó materna, Raimunda Rodrigues (*in memoriam*), ainda moram no meu imaginário e são memórias que me fazem chorar de saudade de uma infância bem vivida, cheia de cheiros, sabores e cores. Guardo essas memórias tão cheias de significados com algumas bonecas que restaram; mesmo marcadas pelo tempo, conseguem preservar a minha essência, por serem um dos elementos constitutivos dos fios que me entrelaçam, formando as amarras que me compõem os meus retalhos de vida.

Os gibis, jogos, livros paradidáticos, didáticos (pois a escola pública não doava) e cadernos eram os presentes mais significativos, que revelam minha trajetória formativa pelos fios memoráveis, que compõem o meu pano de vida que, a cada dia, aumenta e dá continuidade a um velho-novo bordado. E, no decorrer dessa trama, apodero-me de outras experiências “Singular-Plural” (JOSSO, 2006) que tornam a vida vivida e sentida a partir de um olhar acolhedor, de uma escuta sensível, de uma fala reflexiva, pois são múltiplos sentidos que nos tornam pessoas únicas.

No exercício de tecer os próprios fios, registrar as primeiras palavras da minha dissertação, minaram relevantes interrogações, como esta: o que contar da minha trajetória profissional que contribui para outros docentes na área profissional?

Na lição do personagem Guilherme Augusto Araújo Fernandes, o tamanho-objeto é superado pelo sentido-valor. Toda pessoa tem uma história para contar. Já alinhabei muito para compor o meu bordado em um tecido de identidade profissional. E, assim como “Guilherme Augusto Araújo Fernandes, reúno marcas por onde passo para compor as minhas trajetórias percorridas, elegendo tecidos, fios, linhas e teares memoráveis.

Dona Antônia, vale o destaque, uma personagem do livro “Guilherme Augusto”, conseguia recobrar sua vida por meio de objetos que a transportavam a uma espécie de aquecimento da memória.

Dessa forma, a seguir, partilharei, nos próximos registros, minhas memórias, não exatamente em uma linha sequencial, mas pela ordem de significação:

2.1 Algo de que me lembro

Cresci em um ambiente familiar envolto em amor, em leituras e em escritas. Cursei o primeiro grau (atualmente, ensino médio) na rede pública, no Colégio Municipal Salustiano Pinto, no distrito de Macaraú, Santa Quitéria (CE). Sendo a primeira filha de três irmãos, fruto do casal Olivar Farias, comerciante, e Maria Rodrigues, professora. Carrego muita gratidão por ter nascido nessa referida família e hoje ser quem eu sou.

Assim como Dona Antônia conseguia reavivar suas memórias, eu também trago lembranças das inúmeras professoras que fizeram parte do meu ensino fundamental, especificamente as que se agregaram à minha história de vida; tais professoras, inclusive, foram as participantes da minha pesquisa: Maria Rodrigues Martins Farias (70 anos), minha professora polivalente da terceira série do ensino fundamental; Alba Mesquita Flaviana Sousa de Mesquita (95 anos), minha professora de matemática e inglês, da sexta à nona série; e Dulcinéa Caetano de Mesquita (86 anos), diretora escolar.

Lembro, perfeitamente, da exigência de uma letra caligráfica, de uma leitura fluente, de uma tabuada arguida na ponta da língua, sem poder repetir a pergunta que levaria ao resultado, dos estados e capitais, da entrega de um caderno de cópia após as férias de julho e até dos dias que excedia o horário do expediente, caso alguém da turma deixasse de realizar as tarefas propostas para casa e classe. Essa era a professora da terceira série e minha mãe.

Na minha memória, ainda soa a voz da minha professora Alba Flaviana, trabalhando o verbo *to be* nas aulas de inglês. As aulas, à época, eram meramente expositivas, com conteúdos copiados na lousa de giz, de onde os alunos transcreviam, como um carbono, para seus respectivos cadernos, os questionários de aprendizagem e fixação. O respeito a ela era inquestionável, nenhum aluno entrava em sala após ela ter acessado a sala de aula, não tínhamos conversas paralelas e o silêncio durante as aulas chegava a ser sepulcral. Além do respeito por ela, tínhamos receio das chamadas de atenção, principalmente quando não fazíamos as atividades de classe. Os alunos que não gostavam da matemática, tinham duas opções estudando com ela: aprender matemática e amar ou odiar a referida disciplina. Particularmente, eu tinha muita satisfação quando ela me chamava para resolver

questões no quadro e explicar meu procedimento para se chegar ao resultado, a minha empolgação era tamanha.

O recorte de memória que trago da diretora Dulcinéa Caetano se trata das programações extracurriculares que aconteciam na sua gestão. Até o desfile do dia 7 de setembro tinha um contexto, não marchávamos pelo simples fato de comemorar uma data cívica. O desfile movimentava o distrito e as pessoas que residiam nos interiores vizinhos. As fantasias eram as mais criativas. Naquele tempo, não havia a denominação “projetos” ou “atividades extracurriculares”, mas, anualmente, tínhamos apresentação de sarau literário, gincanas com atividades desafiadoras de perguntas e respostas, atividades que ultrapassavam os muros escolares, com tarefa de encontrar moedas mais antigas e várias atividades que nos desafiavam.

E essas professoras destacadas nas minhas memórias foram as participantes da pesquisa e que construíram seu retalho na Colcha de Retalhos.

2. 2 Algo quente

Resgato, como ilustração, uma experiência vivida na disciplina de estrutura do funcionamento do 1º grau, ao cursar o Normal Especial⁴, no ano de 1995, ofertada por uma escola da rede de ensino privado de Sobral. Para entender os conteúdos escolares, sempre acreditei, e assim prossigo, que entender e buscar estratégias para transmitir com as próprias palavras é o caminho ideal para o professor aferir e apreciar o entendimento do aluno. No entanto, a professora que lecionava estrutura só aceitava as enormes respostas conceituais e explicativas detalhadas, semelhantes aos questionários de revisão aplicados por ela.

Decorar sem entendimento, sendo essa a minha principal dificuldade, levou-me à recuperação final da referida disciplina. Como eu não conseguia decorar todas as linhas das enormes respostas, a estratégia ficou limitada a copiar o questionário em miniatura, conhecido comumente como “pesca/cola” e levar no dia da aplicação da prova como um suporte de memória. A estratégia recobrava minha consciência, mas trazia o alívio por permitir atingir a nota máxima na prova.

No dia agendado para a entrega de resultados, recebi a prova com a nota 9,8 estampada de vermelho no cabeçalho e com um enorme recado da professora, que

⁴ Nomenclatura atribuída à série que reunia o 1º, 2º e 3º anos do Normal em um único ano para alunos que seguiriam a profissão de professor da educação infantil e séries iniciais.

ficou gravado na minha alma até hoje: “Parabéns, o dez não veio porque as respostas estão iguais às da professora, sem modificar nem as vírgulas”. Naquele momento, todos os sentimentos se misturaram: alívio, liberdade, revolta, indignação, anulação, etc.

Essa marca pode causar dois efeitos: o da reprodução na prática educativa dos futuros docentes (alunos), como referência na docência, ou a indignação por compreender que “[...] ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”, como pontua Freire (2018, p. 58). O professor que ironiza o aluno “[...] afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto” (p.59). Respeitar o aluno é respeitá-lo dentro das suas limitações e possibilidades.

2.3 Algo bem antigo

Mais um marco na minha vida aconteceu em 1999, haja vista que esse foi um ano de suma importância para a formação de parte dos meus princípios e práticas profissionais. Na ocasião, iniciei o meu primeiro estágio em sala de aula. A partir disso, pude vivenciar o universo docente, por meio do convênio do Curso de Pedagogia da UVA com uma escola de educação infantil no município de Sobral, que fazia atendimento aos filhos dos comerciários, conveniados e usuários: tarefa executada, à época, que aprimorou a maneira como me comunico com o público que constitui parte desse universo profissional.

Esse foi o ponto de partida para a minha caminhada docente. Ser estagiária da educação infantil se configurou como uma experiência que me favoreceu à construção de uma profissional que se encanta com cada edificação da aprendizagem e que, até hoje, fortalece meu espírito crítico repleto de curiosidade, pois o estágio tem como finalidade proporcionar denso conhecimento sobre docência aos estagiários para inserção no processo de conhecer, olhar, narrar e construir sua identidade docente.

Minha concepção de acreditar na importância de falar, ser ouvida e ouvir nasceu nos grupos de formação na Educar SESC, no setor de formação continuada, por meio dos grupos de estudo, das dificuldades ouvidas e relatadas. Inicialmente, ao me expor diante do grupo para partilhar meus desejos, dificuldades e conquistas, causava-me um suor frio com todos os olhares e escutas voltadas para mim, causando a impressão de uma fala sem grande importância, totalmente sem nexos. No entanto, a roda de conversa era tão acolhedora, que, em várias situações compartilhadas,

como tratar da inclusão em sala de aula, alfabetização, acompanhamento familiar, etc., nós nos encontrávamos nas dificuldades e superações de sala de aula dos demais. Outra herança adquirida nos grupos de estudos do Serviço Social do Comércio (SESC), que ainda hoje faça parte da minha rotina, é o registro. Apesar de estarmos em uma sociedade tecnológica, é contínua a busca por ferramentas para continuar registrando minhas observações pedagógicas diariamente, pois elas me dão a condição de recobrar a memória, resgatar o passado, não para viver, mas para refletir as experiências e entender o presente, projetando o futuro.

Weisz (1999. p. 65) adverte e levanta uma reflexão sobre a escrita “ensino-aprendizagem”, assim, precisamente com hífen, compondo uma única palavra, pois o sujeito do ensino é o professor, enquanto o sujeito da aprendizagem é o aluno. Em “Grande sertão: veredas”, Rosa (1963) diz: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

O maior encantamento docente, na educação infantil, foi constatar, mediante as experiências vivenciadas em sala de aula, tais como o desenvolvimento da escrita e a construção do número pela criança, que devemos pensar e nos referir a processos de ensino e aprendizagem. Estes, em inúmeras ocasiões, acontecem simultaneamente, pois, para formular uma boa didática, é necessário fazer interagir o modo de ser e de pensar do educando com as estruturas internas da proposta apresentada a ele.

Diferentemente do que algumas pessoas cogitam, ser professor de educação infantil não é uma atividade simplória. Exige assumir um compromisso desafiador, tendo em vista que educar e cuidar de alguém, nos mais variados níveis de ensino, requer do docente o desenvolvimento de formas sensíveis de relacionamentos, como se comprometer e se expor a ele, dentro da dança da vida, em uma harmonização e sintonia com o ritmo vital, emoções, expressões e palavras que simbolizam suas necessidades e são vias de compreensão que requerem aprendizado para que o sujeito ensine e aprenda a ser professor.

Como professora no contexto da sala de aula, testemunho o poder da prática pedagógica transformadora, quando oportunizo a sala de aula com um clima democrático, o qual faça com que meus alunos sintam a responsabilidade de contribuir, visto que é o sustentáculo da pedagogia em uma dimensão que me oportuniza a reinvenção da prática. Acredito que o nosso trabalho de facilitador de

aprendizagem deve ser um trabalho catalisador, que conclame todos os presentes a se engajarem, cada vez mais, a se tornar partes ativas do aprendizado.

A prática docente deve ser sempre (re)significada. Portanto, não é uma prática acabada, mas em constante construção que marca, profundamente, a identidade profissional. O professor em processo de formação pode estabelecer e redimensionar a relação que se tem entre a sua prática, o campo teórico e os aspectos que permeiam a construção do seu trabalho, como a escola, os alunos, as políticas educacionais, etc. “Refletir sobre a prática educacional, mediante a análise da realidade do ensino, da leitura pausada, da troca de experiências. Estruturas que tornem possível a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a prática” (IMBERNÓN, 2010, p. 43).

Outras características que me acompanham desde a infância são a alegria, a coragem e a dedicação com meus afazeres. E iniciar a docência pela educação infantil se deveu ao fato de acreditar que a criança exerce a subjetividade, criatividade e espontaneidade, busca, por meio da experimentação de situações, construir realidades novas, além da construção identitária da criança, em que há, intrinsecamente, articuladas: memória, imaginação e criatividade.

Entretanto, é importante não omitir, há os dias que não foram de glórias, aqueles em que o professor se pauta na sua fundamentação teórica e prática para explicar aos familiares de uma criança o processo de aquisição da leitura e escrita, a “mordida” que é inerente ao processo constitutivo dela na educação infantil, bem como o fundamento teórico e a importância do registro como elemento avaliativo, que substituiu os simples conceitos: S – satisfatório, NS – não satisfatório e ED – em desenvolvimento. Isso porque a observação e o registro são os principais elementos de acompanhamento e avaliação na educação infantil, sem deixar de mencionar os processos de relacionamentos da equipe de trabalho, que, diante de discordância e desencontros, fui lapidando o poder de argumentação, aprendendo, cada vez mais, a respeitar a ideia alheia, aprendendo a ceder, recuar, enfim, a me formatar na constituição de sujeito docente.

2.4 Algo que me fez chorar [...] (ainda me faz)

Em 2020, os diversos setores da sociedade sofreram abruptas transformações, em curto tempo, causadas pela pandemia da covid-19. Inserida nesse contexto

mundial, a escola teve que adequar, aligeiramente, sua rotina, também afetada pelo surgimento do primeiro caso da doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). O mesmo teve origem na República Popular da China, em dezembro de 2019, e que, rapidamente, proliferou-se pelo território planetário, sendo decretado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como emergência de saúde pública de importância internacional no dia 30 de janeiro de 2020.

A partir do contexto pandêmico da covid-19, foi exigido (e continua sendo) repensar, reestruturar, reexistir, reinventar, ressignificar e adaptar-se a novos costumes, a novos comportamentos. Com isso, no dia 17 de março de 2020, as aulas presenciais foram suspensas com decisão pautada na Portaria n.º 343 de 17 de março de 2020 (BRASIL, 2020), na qual o Ministério da Educação (MEC) dispôs sobre a substituição do ensino presencial por meio de ensino remoto no período da pandemia, trazendo desafios às instituições de ensino, que foram pressionadas a implantar, de forma massiva, tecnologias educacionais para aulas remotas.

O MEC, no sentido de gerir e reorganizar o calendário escolar em caráter emergencial do ensino remoto, normatizando as práticas educacionais durante a pandemia, no dia 28 de abril de 2020, por meio do Conselho Nacional de Educação (CNE), lançou o parecer concebendo favorável à reorganização do calendário escolar, possibilitando o cômputo de atividades não presenciais, em razão da pandemia, como cumprimento da carga horária mínima anual. Diante do cenário disruptivo e repleto de incertezas, as escolas assumiram o modelo de aula remota, o qual foi iniciado, em algumas escolas, no dia 05 de maio de 2020.

A minha vida, e acredito que a de todos, sofreu uma hercúlea mudança. Muitas adaptações foram necessárias, novos empreendimentos pessoais e financeiros também, como a aquisição de ferramentas para facilitar a interação com os alunos e professores. Dessa forma, diante do panorama que a pandemia estabelecia, exigindo distanciamento social/físico, resolvi fechar minha casa em Sobral para ficar mais próxima do meu pai, minha mãe e irmãos. Decidi, com a minha família, passar uns meses no distrito em que meus progenitores residem. No entanto, de março a maio de 2020, ficamos em uma fazenda dos meus pais, como forma de viver mais próximos da natureza, buscando, também, evitar aglomerações. Porém, voltamos ao distrito e ficamos em uma casa vizinha à deles, somente a partir de maio de 2020, por conta de *internet* da fazenda não possibilitar uma boa conexão.

Exatamente no dia 05 de maio de 2020, iniciamos as aulas remotas, e, com isso, muitas experiências a narrar. Foram dias de lutas, resistências e adoecimentos. Foi um período em que vivemos dentro das nossas casas, porém, sem nenhuma privacidade de espaço e de tempo. O meu horário de trabalho e de muitos profissionais excederam nosso contrato profissional, pois mensagens e ligações chegavam durante a manhã, tarde, noite e madrugada. Os professores, vivendo na corda bamba de incertezas durante a utilização das ferramentas tecnológicas, faziam com que eu me desdobrasse com apoio da equipe de tecnologia da informação (TI) e do próprio setor de psicologia do colégio para darmos o suporte necessário diante de uma travessia nunca antes imaginada, nem nos piores pesadelos. Eu terminava o dia, muitas vezes, sem ter tempo para dialogar com minha família, que estava no mesmo espaço. Fui muito consumida para fortalecer a equipe de professores, que apresentava fragilidades, passava horas a fio em ligações telefônicas para escutar, fortalecer e buscar caminhos com eles.

A sala de aula perdeu o quadro branco, mesas e cadeiras disponibilizadas linearmente para ganhar ferramentas, como o *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams* ou *Skype*, acontecendo por meio da tela fria de um computador ou *smartphone*, com inúmeros quadrados com fotos e nomes dos alunos, proporcionando dúvidas se alunos mesmos estavam presentes em aula, visto que eles se conectam à aula, na maioria dos casos, com câmeras desligadas.

Na interrupção da condução presencial do ensino, o professor assume uma postura semelhante à do profissional da TI, uma vez que os espaços e limites educacionais ganham novas nuances, na construção do inédito, ecoando na fala de professores caminhos factíveis positivos na prática pedagógica com uso das tecnologias.

Outrossim, os professores não tinham preparação para atuação no ensino remoto, corroborando os apontamentos de Gatti (2020, p. 33), ao destacar os “[...] estresses dos professores pela exigência rápida de novas performances, de preparação de aulas virtuais demandando mudanças em perspectivas didáticas, esforço de manejo técnico de instrumentos não habituais em sua rotina de trabalho”. No entanto, faz-se importante reconhecer seus esforços em meio à pandemia, já que enfrentaram situações hostis, como a falta de conhecimentos tecnológicos, estrutura física adequada e outros pontos para adaptar o presencial ao virtual.

Na lição de Nóvoa (2020):

[...] as melhores respostas à pandemia não vieram dos governos ou dos ministérios da educação, mas antes de professores que, trabalhando em conjunto, foram capazes de manter o vínculo com os seus alunos para os apoiar nas aprendizagens. Em muitos casos, as famílias compreenderam melhor a dificuldade e a complexidade do trabalho dos professores. Isso pode trazer uma valorização do trabalho docente e criar as condições para um maior reconhecimento social da profissão (NOVOA, 2020, p. 9).

Ao acompanhar as mudanças que impactaram a vida pessoal e profissional com o advento da pandemia, bem como as dificuldades e aprendizados do meu grupo de trabalho, evidenciei nas narrativas posicionamentos comuns, como medo do novo, solidão, a falta de familiaridade com as ferramentas digitais, a participação dos discentes nas aulas, aumento da carga de trabalho, as famílias querendo “ensinar” o professor a ser professor, comprometendo a rotina e saúde do docente, o processo de avaliação presencial adaptado para o remoto, etc.

Outro apontamento relevante e que merece destaque se relaciona ao redimensionamento do papel do professor e experiência com relação às tecnologias da informação e comunicação (TICs) no uso como ferramentas mediadoras. As narrativas do grupo docente se aludem ao silêncio sepulcral durante a explanação de algumas aulas, que induz o professor a súplicas incessantes de “você está aí?”, “você tem alguma dúvida?” ou “Digam alguma coisa!”. E, assim, a aula segue em um eco digital, na solidão docente daquele profissional que é exigido a aprender a falar diante da tela de um computador, inúmeras vezes, sem retorno discente, que segue com áudio e câmera desligados.

Inobstante as experiências vividas durante a pandemia contribuem para análises nos mais variados aspectos, elas explicitam um horizonte importante para os professores e coordenação, a importância dos seus papéis docentes e formação continuada, as diversas formas de acessar informações, construir conhecimentos e a utilização dos recursos tecnológicos para engajar os alunos na construção dos saberes.

No exercício de coordenadora pedagógica, acolher cada docente consiste em uma “[...] dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores” (JOSSO, 2006, p. 40). Desse modo, diante disso, precisei constatar como eu estava recebendo essa demanda, buscando o silêncio para me escutar e, somente depois, ir aos meus.

Ademais, a minha escuta sensível como coordenadora pedagógica, as narrativas sentidas e relatadas foram mola propulsora para ressignificar meu olhar de formadora e com a intencionalidade de afetar e ressignificar os professores, revestindo as relações de novo sentido. A minha atuação profissional, na condução de um grupo fragilizado, temeroso, mergulhado nas incertezas e só com o desenvolvimento da segurança profissional, incluindo a mim mesma nesse sentimento, exigiu-me o desenvolvimento de percepção e acolhimento docente, fazendo o grupo sentir que a coordenação estava ao lado, poderia ter uma mediação confortável para atravessar o caos.

Enfim, a “escutatória pedagógica” não se resume à mera audição, ouvir é, além de observar ou escutar, estar com o outro, em uma legítima relação. É no ouvir que se aprende, convive-se, que se dão as relações interpessoais e, conseqüentemente, constrói-se uma relação mais intimista, ampliando o pensamento em uma tonalidade dos sentimentos, em um processo relacional de abertura ao outro.

Como diz Freire, no livro “Pedagogia da autonomia”: “ensinar exige saber escutar” e, nesse processo:

[...] não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precisa falar a ele (FREIRE, 2018, p. 127).

Atravessamos o ano de 2020 na esperança de um tempo melhor, ou seja, de tempo para finalizar essa pandemia de covid-19, tempo em que as pessoas pudessem buscar o verdadeiro sentido de empatia e que fosse um tempo transforma(*dor*). Para muitas pessoas, e aqui me solidarizo também, estes ainda são tempos de dor, sobretudo para aquelas que tiveram perdas irreparáveis de entes queridos, os quais, lamentavelmente, não tiveram oportunidade de obter a imunização, e não somente pela falta de tempo, mas devido ao desgoverno desumano, sem ética, sem política e totalmente sem capacidade de governar uma nação.

E o tempo não parou, atualmente, meados do ano de 2021, infelizmente, já se contabilizam 612.659 mortos em decorrência da covid-19 no Brasil, até o dia 21 de novembro de 2021, com base no *site* Gazeta do Povo.⁵

⁵ Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Enfim, é tempo de gratidão a Deus pela minha vida, por conceder e me dar condições de vencer a covid-19. Gratidão por ter minha família vacinada. Gratidão, ainda, pelos professores que já tomaram as duas doses do imunizante, e pedindo a Deus: VACINA PARA TODOS!

2. 5 Algo que me fez (voltar a) rir [...]

Viver intensamente é primordial para fazer nossa travessia nesse plano terreno. No entanto, exige de cada ser humano o exercício de olhar sempre num processo de reconstrução e inacabado, elaborando a narrativa de si não apenas como reprodução do vivido, mas como sujeito que, ao narrar, opera pelo ato enunciativo, visto que se pode considerar a narrativa como ato transdutivo “[...] pelo qual o narrador recaptura, segundo processos associativos, os espaços e os tempos esparsos e polimorfos de sua existência num espaço-tempo construído e unificado” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 316)

No entanto, o riso, o choro, o susto, a frustração e a coragem são ações mobilizadoras que nos permitem reconfigurar o vivido, ou seja, o nosso discurso sobre a vida no âmbito intersubjetivo, transmutando-se em êxodo de si, num terreno desconhecido em que acontece, que se vai ao encontro do outro.

Acredita-se que a escuta instaura uma relação de confiança, numa condição flexível para a dialogicidade implicada no aspecto relacional, como categoria central, que, por sua vez, requer respeito, escuta e espaço impelidos na construção do saber, de cunho emancipatório.

A ação de rir é algo que se busca diariamente, visto que os dissabores têm uma força maior com a capacidade de fragilização do nosso ser pela própria elucidação do sentido. No entanto, o meu riso veio após muito choro, ao receber um laudo que acusava um melanoma na minha filha, Ana Clara, que, com a graça de Deus, após vários exames aprofundados, resgatou dentro de mim e da minha família a gratidão, recapitulando a criação de enredos felizes da minha família.

No entanto, diante de todo o sofrimento atravessado, no dia 13 de janeiro de 2021 recebemos o resultado dos exames pelo próprio oncologista, que havia recebido do laboratório, comprovando que minha filha não estava com câncer, apesar de ela necessitar fazer um tratamento e, ainda hoje, segue com todos os cuidados.

A alegria voltou a morar em mim, a gratidão e fé em Deus se fortaleceram, e rir, com motivo, era diário em mim, porque nenhuma dificuldade passou a ser maior do que a experiência vivida, que ressignificou vários hábitos, inclusive o de, empaticamente, compreender ainda mais a dor alheia.

Destarte, ao narrar-se, a pessoa aborda suas experiências, pois, “[...] é a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; [...] que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão [...]”, ou seja, é a narrativa que “[...] faz de nós o próprio personagem de nossa vida” (DELORY- MOMBARGER, 2014, p. 35-36).

2.6 Algo que vale ouro

Cursar o mestrado é um ato de ousadia, coragem, lutas e resistências. Hoje, entendo assim. Inspirada e incentivada por uma amiga e supervisora de trabalho, à época, e hoje, além de referência nos âmbitos pessoal e profissional, é amiga para a vida toda. No entanto, enviei para a UNILAB, em 2019, o projeto de pesquisa o qual a temática estava intitulada “A formação continuada de professores do município de Sobral: desafios e perspectivas”.

Com a aprovação na primeira etapa, na análise do projeto, nascia a esperança que uma vaga seria a minha, e segui para a segunda fase: a prova escrita. Memória forte ao lembrar do dia da prova, meu esposo hospitalizado, e lá estava eu, no *Campus Auroras* da UNILAB.

Sala lotada, a prova trazia duas questões que eu deveria discorrer até 50 linhas, em cada uma, no tempo estipulado pela comissão organizadora. Escrevi bastante, diminuir a letra foi a estratégia para não ficar nada importante sem registrar. Meu olhar passeava a sala toda e só enxergava cabeças fitadas para a prova e mãos em movimento a escrever. Os sentimentos de segurança e insegurança brigavam em mim naquele momento. Li e reli inúmeras vezes o que havia escrito, buscando encontrar nas minhas palavras o diálogo estabelecido entre meu aporte teórico e minhas experiências. Nas linhas redigidas, eu tecia a vontade da minha alma, ser aprovada para a etapa seguinte e conquistar uma vaga no mestrado, conseqüentemente.

Foram dias de ansiedade, tensão e de muitos cálculos, a todo resultado divulgado, verificava qual seria a meta que eu deveria atingir. Com aprovação na prova escrita, segui para a entrevista. Quanto mais se aproximava a entrevista, mais

formulações de respostas para os questionamentos da banca examinadora minavam no meu pensamento, hipoteticamente. A única certeza que eu tinha era seguir com autenticidade, objetividade e coragem como as melhores opções para responder qualquer questionamento.

Fiquei à espera no corredor. A porta da sala fechada e cada candidato que entrava eu calculava o tempo de entrevista, e pensava quando alguém concluía a mesma: “essa pessoa deve ter muita experiência, a banca deve ter gostado”. De repente, literalmente, a porta foi aberta e só escutei o vozeirão do Prof. Dr. Elcimar Martins chamar pela candidata Ana Paula Martins Farias Vasconcelos.

Na banca havia junto ao Prof. Dr. Elcimar Martins, que além de abrir a porta para o meu sonho, contribuiu para a diminuição e controle do meu nervosismo, que tomava conta do meu ser naquele momento; a Profa. Dra. Rebeca Alcântara, que me acolhia com o olhar e tranquilizava minha alma; o terceiro, era o Prof. Dr. Fabiano Barbosa, que se mostrava reservado, porém, atento a todos os movimentos executados por mim. As perguntas vindas e respostas indo sem o peso e atenção de uma entrevista para a vaga de mestrado. E lá, a vontade de conquistar a vaga no mestrado na Linha de Ensino e Formação Docente, na ampla concorrência, e ter um orientador daqueles que tinha a magia de dar leveza e seriedade num processo de importância extrema.

Depois da divulgação do resultado oficial, era o momento de partir para o abraço, viver a felicidade da aprovação com familiares e amigos e de gratidão aqueles que caminharam comigo.

Na sexta-feira do dia 16 de agosto de 2019, a Aula Magna marca o início de um novo ciclo na minha vida. Eu não conseguia caber em mim de gratidão, realização e alegria. O mestrado profissional, com aulas semanais às sextas-feiras, cobrava de mim não somente planejamento financeiro, mas uma organização nas minhas atividades pessoais de mulher, mãe, esposa e tia, pois acolho duas sobrinhas-irmãs que estudam em Sobral e estão sob a minha responsabilidade escolar, sem esquecer de mencionar das atividades laborais; de coordenar as áreas de linguagens e humanas dos ensinos fundamental e médio de um renomado colégio da rede de ensino privado de Sobral e, também, ser tutora presencial e supervisora de estágio supervisionado de uma faculdade de educação a distância na modalidade semipresencial, a qual eu trabalhava semanalmente de segunda a quinta no período noturno.

O meu desejo e disponibilidade em cursar o mestrado era superior a qualquer situação. Ademais, as sextas-feiras do mestrado, iniciavam todas às quintas-feiras, a partir das 23h, quando eu tomava o ônibus rumo ao meu objetivo e, após 4h de viagem, estava na Rodoviária João Tomé às 2h, em Fortaleza. Muitas vezes, por medo e/ou condições climáticas, não passava na minha moradia em Maracanaú-CE, optava por esperar na própria rodoviária as horas passarem vagarosamente até 5h para eu seguir até o destino final, Redenção-UNILAB.

No entanto, com a pandemia da covid-19, passamos a nos encontrar virtualmente para cursarmos os componentes curriculares: Empreendedorismo e Inovações, ministrados pela Profa. Dra. Andréa Moura e Prof. Dr. Igor Paim, e Identidade e Memória, sob a condução da Profa. Dra. Elisângela André e Prof. Dr. Elcimar Martins. Registro, também, que foi no período da pandemia que aconteceu o lançamento do livro “A pesquisa como princípio formativo na pós-graduação – da reflexão sobre as práticas à construção do conhecimento”, sob a organização do Prof. Dr. Elcimar Martins e Profa. Dra. Socorro Lucena, prefaciado pela Profa. Dra. Selma Garrido, além de ser a publicação do primeiro livro da primeira turma do Mestrado em Ensino e Formação Docente UNILAB-IFCE, o qual consta um artigo – “A educação para as relações étnico-raciais em cursos de licenciatura: estudo de caso com discentes de estágio supervisionado”, escrito por mim e pelo meu amigo Anderson Assis, sob a orientação da Profa. Dra. Kaé Stoll Colvero.

Ressalto, ainda, que Anderson Assis e eu compartilhamos não só o escrito, mas a fala que representou a turma do mestrado durante o lançamento do nosso livro e solenidade que acolheu a segunda turma do Mestrado em Ensino e Formação Docente da UNILAB-IFCE, em modalidade virtual, em razão de estarmos vivendo uma quarentena histórica por conta da pandemia da covid-19.

Cada lembrança resgatada nas seções acima são retalhos que compõe a minha Colcha de Retalhos e reúnem algumas das minhas narrativas que trouxeram reflexividade e transformação na minha trajetória de vida.

3 SABERES DOCENTES – RETALHOS FORMATIVOS QUE CONSTROEM A COLCHA DE RETALHOS

“Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios, que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar” (CLARICE LISPECTOR, 1971).

Bem registrado por Clarice Lispector, cada sujeito traz seu enredo dentro de uma subjetividade costurada em um tempo de consciência de si, em que cada um, por meio da história de vida, é ator da experiência de si e das representações construídas por ela. Traz, também, uma identidade ímpar que carrega uma maneira peculiar de olhar, sentir e estar no mundo, que também propicia enxergar e fazer educação por meio das marcas da sua época em determinados contextos histórico e social. Isso significa que o tear do fio histórico de um sujeito se entrelaça aos fios de outros sujeitos na tessitura histórica da humanidade.

Nesse viés, o século XX, forçadamente, levou os professores a buscarem um novo jeito de fazer educação e fez com que novas medidas, ou seja, estratégias de ensino, fossem refletidas, quando as escolas deveriam assumir novas funções, caminhar de outro modo. No entanto, toda profissão é baseada pelo conhecimento teórico e, também, pelo saber da experiência que se constrói no exercício de refletir sobre a própria experiência profissional. A experiência, por sua vez, constrói-se em um movimento reflexivo do que acontece, com a forma que acontece, como eu me sinto e em que me transforma. Desta feita, vale destacar que tal experiência se constitui pelas dimensões subjetivas, pessoais, a partir de crenças, percepções, atuações e história de vida. Os saberes profissionais são conhecimentos construídos no exercício profissional, ou seja, saberes da ação que são reconfigurados no contexto da própria prática educativa.

Aprender a ser professor se caracteriza como um processo contínuo, de descobertas e reconhecimento, permeado por toda a vida profissional. Segundo Imbernón (2016, p. 51), “[...] não será possível enfrentar o futuro sem ensinar e aprender a complexidade de ser cidadão e as diversas sensibilidades nas quais se materializa: democrática, social, solidária, igualitária, intercultural e relativa ao meio ambiente”. Portanto, o professor é aquele que está inserido em um processo de

formação para a docência, objetivando a apropriação de saberes e a constituição identitária.

Levando em consideração o que Bragança (2011) entende como formação, tem-se a seguinte ideia:

Se entendemos a formação como um processo interior, referido à possibilidade de o sujeito se permitir tocar pelos movimentos educativos da vida, transformando-os em experiências significativas, reconhecemos, então, o lugar central do sujeito. Afirmamos, no entanto, que a intensidade das experiências que se tornam significativas e formativas são necessariamente coletivas; elas vêm de um investimento social, no caso do processo escolar, ou das tramas, dos encontros e desencontros que temos com os outros e com o meio, ao longo da vida [...] (BRAGANÇA, 2011, p. 160).

A aprendizagem da docência é uma ação complexa que nasce do fato de ser desafiante e dinâmica, estendendo-se por toda a vida profissional, ocorrendo em vários contextos que antecedem, até mesmo, a formação inicial, alicerçada pela própria prática, crenças e valores dos sujeitos. Nessa lição, aprender é uma ação infinita, diária e contínua, influenciada por fatores sociais, culturais, afetivos, cognitivos e éticos, dentre outros.

Aprender a ser professor envolve o mutualismo de ensinar e ser ensinado, em que as ações docentes devem transpor a mecanização do ensino, em que os saberes se alinham, discutem, constroem-se e se difundem entre docente e discente. Ser professor não é apenas ter domínio do conteúdo, é ser e ter um espírito de um eterno aprendiz, com postura flexível, com abertura para ressignificar o olhar, construir conhecimentos e, inclusive, ter a sensibilidade elaborada em termos de atitudes e valores.

Ademais, é tal como compreender que o saber acontece, também, nos campos informais de vivência dos sujeitos, na formação inicial e continuada, desenvolvendo conhecimento, habilidades e atitudes que fortalecerão a aprendizagem da docência. Sob essa perspectiva, a docência presume uma profissão – a de ser professor, na qual a profissionalidade se torna exigência, sendo definida como um “[...] conjunto de requisitos profissionais que tornam alguém um professor” (LIBÂNEO, 2004, p. 75).

A formação docente se apresenta como um tema recorrente no contexto contemporâneo, demandando pesquisas e estudos aprofundados, particularmente no que concerne à formação inicial docente, ao processo formativo perpassado, assim como ao desenvolvimento profissional docente. Entretanto, é fulcral considerar que cada professor se diferencia dos demais pelo que é, de onde vem, do seu lugar e

temporalidade de fala, pois o sujeito constrói consciência sobre si a partir das vivências do momento, de forma a possibilitar a construção de uma retrospectiva histórica, não sendo um mero reproduzidor da ideologia imperante.

Pautado em Libâneo (2004), compreender a profissionalidade é atentar para as perspectivas de profissionalização e profissionalismo, em que a primeira está inserida na profissionalidade como busca obstinada por uma identidade profissional com capacidades de exercer a docência. Enquanto isso, a segunda perspectiva se atrela “[...] ao desempenho competente e comprometido dos deveres e responsabilidades que constituem a especificidade de ser professor e ao comportamento ético e político expresso nas atitudes relacionadas à prática profissional” (LIBÂNEO, 2004, p. 75). Nesse entendimento, a escola é espaço de trabalho e formação, ou seja, de referência para o desenvolvimento docente e discente, onde o professor desenvolve seu ofício de construir conhecimento e fazer docente por meio do exercício da docência sustentada no desenvolvimento do seu processo formativo, quando essa atividade se atrela ao desempenho profissional.

Libâneo (2004) ainda nos apresenta contributos que afetam a construção da subjetividade docente, conseqüentemente, atingindo a organização e planejamento dos responsáveis pela formação docente. O referido autor aponta o olhar para a formação e para o trabalho docente, visto que ele identifica transformações vividas na sociedade contemporânea nas mais variadas esferas, tais como econômica, política, ética, vida, etc., tais como: competitividade nos padrões de produção, submissão de políticas sociais, individualismo com naturalização da exclusão, bem como indução de novas necessidades e outras mais.

Importa dizer que, para Pimenta (1996), a identidade profissional não é algo que se compra, que se ganha, mas se configura em algo almejado, em um contínuo processo de construção que parte da perspectiva de um processo. Ao dissertar como se dá a construção da identidade docente, a autora afirma que:

[...] uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas (PIMENTA, 1996, p. 76).

Ao tratar da formação de professores, faz-se necessário compreender sobre a fragmentação curricular e a fragmentação profissional do saber docente. No entendimento de Imbernón (2016, p. 56), “[...] podemos comparar a fragmentação profissional de professores à especialização ou atomização acadêmica e perceber

que ela está unida à fragmentação curricular que se desenvolve como consequência da maneira de organizar o currículo em disciplinas ou matérias”. O autor nos apresenta que:

A fragmentação profissional que envolve a fragmentação curricular é uma tendência moderna dos sistemas educacionais. Foi aumentando paulatinamente no ensino universitário e passou, por mimetismo, para o ensino médio; por fim, chegou ao ensino fundamental. Essa fragmentação implica também a ruptura de uma unidade acadêmica da profissão docente de professores primários com grandes monólogos isolados, sem conexão entre si, que fogem de uma má homogeneização profissional que torna todos iguais com sua especialização, de modo que surgem denominações diferentes por etapas, títulos de especialização, carreiras docentes diferentes ou menções especializadas (IMBERNÓN, 2016, p. 57).

As considerações do autor nos remetem à observação da fragmentação do currículo das licenciaturas, que se define por áreas e disciplinas específicas, fragilizando um determinado campo da docência em detrimento do fortalecimento de outro. Essa formação é desencadeada no ensino da educação básica, em que cada professor ensina conteúdo da sua específica área de acordo com a formação inicial que recebeu. Nesse entendimento,

Sabemos que dominar a disciplina é importante, mas não é suficiente para ensinar. É obvio que o professorado de ensino médio (e de todas as etapas) precisa dominar os ‘conteúdos’, e por isso é lógico que se estabeleça um sistema que lhes permita estudar durante alguns anos as áreas de conhecimento, mas também é certo que precisam assimilar alguns conhecimentos psico-sócio-pedagógicos, que precisamente serão os mais necessários em sua etapa profissional” (IMBERNÓN, 2016, p. 134).

Ainda de acordo com Imbernón (2016, p. 174), o conhecimento se divide em objetivo e subjetivo, compreensão na qual o primeiro “[...] apoia-se nos dados fornecidos pelo objeto”, ou seja, objetivo (conteúdo) e o segundo, “apoia-se em convicções e ideias do sujeito”, que é o subjetivo (atitudes, emoções...). Caminhando nesse entendimento, a formação docente necessita potencializar os conhecimentos objetivo e subjetivo para que o ensino alcance, além do aspecto técnico, os âmbitos do pessoal, nos quesitos procedimental e atitudinal, perante os desafios da formação em desenvolver cidadãos críticos.

Então, mais que a didática de ensinar qualquer disciplina, é necessário ultrapassar o aspecto meramente técnico, como, também, compreender a importância e a relação contextual dos conteúdos. Tardif (2014, p. 39) salienta que “[...] o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com alunos”.

O professorado precisa se conscientizar de que a formação acontece na interação das áreas e relacionamentos pessoais e profissionais, fundamentados pela teoria e prática. Nessa perspectiva, a formação é permanente e baseia-se na aquisição de conhecimentos teóricos e de competências na interação com o outro, uma vez que, na formação permanente, muitos elementos são aprendidos por meio da ação e reflexão sobre situações, mais do que propriamente ensinar, sendo esse o desafio.

No que se refere à formação permanente, Freire (2018) destaca que nela reside a compreensão do sujeito ao reconhecer seu processo de aprendizagem como algo inesgotável e inacabado. Esse movimento de olhar para si nasce da necessidade do ser humano de fazer-se e refazer-se a cada dia, que vai muito além das leis e normativas da escola.

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que poderia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí (FREIRE, 2018, p. 20).

Na compreensão do referido autor, a formação é um processo intra, que parte do desejo do sujeito e que vai se edificando no decorrer da vida. A necessidade de algo não é apenas ausência, mas a mola propulsora para o alcance de alguma intenção. É mais, o movimento da ação do sujeito dentro da sua prática oportuniza como essência a dialética entre o ser e o vir a ser, sendo essa a dinâmica que vai revigorá-lo enquanto ser que se renova, reinventa-se, forma-se, pois “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos” (FREIRE, 2018, p. 25).

A formação do professor, alicerçada nas vivências praticadas em sala de aula, produz conhecimentos reais e significativos, além de alcançar o objetivo de conhecer a junção dos saberes epistemológicos agregados aos saberes práticos, oportuniza a realidade refletida nas ações cotidianas e práticas pedagógicas. O processo de formação do professor é perceptível no canto à beleza (e à dor) de ser um eterno aprendiz, um canto nem sempre sereno, muitas vezes um canto de um guerreiro em sua luta, em suas vitórias e fragilidades (LIMA; GOMES, 2002).

Nesse sentido, Nóvoa (1995) aponta que:

A formação de professores não se constrói somente por acumulação de cursos, conhecimentos e técnicas, mas sim, através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente da identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p. 25).

O entendimento do autor caminha, portanto, na linha da pessoalidade, compreendendo o professor como agente do ato pedagógico, responsável pela construção do conhecimento a respeito do seu fazer docente, pois “[...] o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor” (NÓVOA, 1997, p. 25). Nesse contexto, ressalta-se, ainda, o fato, de suma importância, de que o professor se forma no ambiente escolar e que a formação possibilita uma perspectiva crítico-reflexiva, propiciando um pensamento autônomo, com base nos saberes teóricos e práticos adquiridos na universidade e na sociedade. Para tanto, “[...] estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (NÓVOA, 1997, p. 25).

O estudo sobre formação docente está ancorado na pressuposição de que formar-se e formar o outro é condição necessária no processo formativo do sujeito, visto que a formação inicial não forma na amplitude necessária para o exercício da docência, em que se assevera que o ambiente escolar é lócus para as investigações e descobertas do ensino e aprendizado validados pela experiência docente. A formação contínua vai além das propostas dos cursos de atualização, “[...] materializando-se no cotidiano da escola pela ação-reflexão-ação, considerando os saberes e as práticas do professor, em diálogo constante com os pares, em um equilíbrio entre teoria e prática”, como bem advoga (MARTINS, 2014, p. 79).

O processo formativo nos requisita a buscar respostas para as quais os saberes de base são necessários, levando em conta o ofício do professor e como esses saberes são constituídos, a partir da escolha do curso universitário. É imprescindível entender que o saber do professor está relacionado à pessoa e à identidade dele, com sua experiência de vida, como, também, à experiência desse determinado sujeito no contato com os alunos em sala de aula e com atores na escola, não sendo oriundo apenas da formação inicial, mas de toda a complexidade vivida pelo docente, considerando a partir do histórico dele no curso universitário, respondendo a relação dele com o conhecimento, a relação dele com os professores e sobre o aluno que se formou na universidade.

Assim, o processo formativo é compreendido como etapa do desenvolvimento profissional, como um processo infinito, pois acontece ao longo da atuação docente, que pode possibilitar um novo sentido à prática pedagógica, contextualizar novas situações e ressignificar o seu fazer docente. Trazer novas questões da prática e buscar compreendê-las sob o enfoque da teoria e na própria prática permite articular novos saberes na construção da docência, dialogando com os envolvidos no processo que envolve a formação (IMBERNÓN, 2010).

A discussão sobre saberes é imprescindível nesta pesquisa, visto que o saber docente está em constante mutação, considerado saber social por ser partilhado por um grupo de agentes, visto que também os alunos ensinam os docentes sobre o ensino, portanto, sendo esse saber não individualizado. Por isso, na nossa caminhada teórica sobre essa temática, seguiremos com Tardif (2014, p. 227), quando pontua que é relevante reconhecer que “os professores de profissão são sujeitos do conhecimento”. Consoante o autor:

Um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (TARDIF, 2014, p. 230).

Em discussão sobre os saberes docentes, Tardif (2014) realça que os professores, enquanto sujeitos do conhecimento, não são técnicos que somente aplicam conhecimentos produzidos pela academia, pois, em contato com a realidade, produzem saberes e são “sujeitos do conhecimento”, no espaço de construção e produção de transformação, de mobilização de saberes que lhes são próprios. Esses saberes são considerados sincréticos, oriundos de diversos contextos e que devem ser considerados como práticas reflexivas que produzem saberes específicos ao seu próprio trabalho e que são capazes de deliberar sobre suas práticas, aperfeiçoando-as.

Para entender as práticas pedagógicas do professor, é preciso conhecer sua formação básica e sua trajetória ao longo da carreira profissional dentro da universidade, como também nas escolas. Entende-se que se tornar professor é um processo de longa duração, de novas aprendizagens e sem um fim determinado (NÓVOA, 2000).

Para tanto, não se pode deixar de considerar a importância do processo colaborativo, ou seja, da partilha de conhecimentos diários para o desenvolvimento profissional entre os professores, tais como as ações e decisões tomadas conjuntamente no cotidiano, que propiciam a autonomia e sujeitos autores da sua formação e, conseqüentemente, do desenvolvimento profissional, o que se chama de “[...] epistemologia da prática profissional, que é o estudo do conjunto de saberes que são utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho para desempenhar todas as suas tarefas” (TARDIF, 2014, p. 255).

No entanto, toda profissão é fundamentada pelo conhecimento teórico e, também, pelo saber da experiência que se constrói na reflexão sobre a própria experiência profissional. A experiência se constrói no contexto vivenciado, em um movimento reflexivo do que acontece e da forma como acontece, experiência essa que se constitui pelas dimensões subjetivas, pessoais, a partir de crenças, percepções, atuações e história de vida. Os saberes profissionais são saberes construídos no exercício da profissão, ou seja, saberes da ação, que são reconfigurados no contexto da própria prática educativa. Sob tal entendimento, Nóvoa (1995, p. 10) afirma que “[...] esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica”.

Nessa linha, presentifica-se no processo de ensino e formação das professoras participantes o entendimento da experiência formadora e da (auto)formação para o trajeto formativo, evidencia a (auto)biografia como aparato potencializador na constituição da identidade do educador, por meio das análises de si.

4 NARRATIVA ESCRITA: RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO, DOCÊNCIA E DISCÊNCIA – AUTONOMIA OU SUBMISSÃO?

Quem eu sou, você vai perceber
Quando olhar nos meus olhos, ou melhor, além deles
(Clarice Lispector).

Por acreditar que a narrativa de cada pessoa está além do olhar, como nos diz Clarice Lispector, a fala narra, o movimento do corpo narra, enfim, até o nosso silêncio pode ser interpretado numa abordagem de análise subjetiva. Trabalhar com narrativas é participar da construção de memórias que, a partir da demanda de um pesquisador, formata-se, ultrapassando a simples e tradicional coleta de objetos e quantificação de dados.

O título desta seção se pautou nas perguntas da primeira estratégia do dispositivo Colcha de Retalhos, de Berkenbrock-Rosito, no relato de cenas da educação de um determinado período da vida das participantes, mais especificamente quando questiona a relação com o conhecimento, a relação professor-aluno e quem foi cada uma como aluna, em uma linha sinônimo e antônimo, autoria ou submissão.

Uma abordagem (auto)biográfica não visa inutilizar as dimensões sociais da sua reflexão, pois “[...] as pesquisas são guiadas pelo desejo de considerar o que a pessoa pensa sobre ela e sobre o mundo, como ela dá sentido às suas ações e toma consciência de sua historicidade” (PASSEGGI, 2010, p. 122).

Metodologicamente, a pesquisa (auto)biográfica ganha espaço e avança em relação a diferentes finalidades e estratégias de aproximação com os sujeitos e suas memórias. A escrita de si é uma das perspectivas de registro da memória, apontada por Souza (2008):

A pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens. A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. A construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo (SOUZA, 2008, p. 45).

A pesquisa (auto)biográfica alarga a conexão do pesquisador com o campo, contexto e tessitura, visto que o material a ser pesquisado deverá apresentar rica consistência de sentidos e significados por meio do encadeamento das experiências narrativas, formando um novo cenário para as pesquisas em educação.

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, com narrativas produzidas por meio do dispositivo investigativo e formativo Colcha de Retalhos, especificamente na dimensão narrativa.

O lócus desta pesquisa foi o distrito de Macaraú, cidade de Santa Quitéria⁶, com professoras que foram pioneiras na educação da localidade, sendo uma delas funcionária desde o tempo da implantação da escola a qual elas exerceram docência.

As participantes da pesquisa totalizam três professoras experientes, que exerceram docência no mesmo período, sendo que duas foram minhas professoras e outra foi diretora dentro de um mesmo período de atuação.

Com relação à metodologia adotada neste trabalho, foi assumida a abordagem qualitativa da pesquisa como dispositivo mais adequado por meio do método qualitativo, que defende a investigação científica como caminho a se obter “[...] a compreensão do comportamento a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” e não somente obtenção de resultados (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16). Por meio de uma abordagem qualitativa, poderemos fazer a leitura interpretativa da situação investigada, no intuito de entender a veracidade dos fatos, as dimensões sociais e culturais.

Expõe-se aqui o percurso metodológico, ou seja, os procedimentos para a concretização da pesquisa. Inicialmente, fui à residência das professoras para apresentar minhas intenções na pesquisa científica, detalhando a importância de cada uma delas para a comunidade na qual elas exerceram, com compromisso e maestria, a docência, complementando que essa pesquisa narrativa seria bordados pedagógicos para docentes das gerações posteriores a elas e, principalmente, a mim, numa condição de herança pedagógica.

O primeiro passo foi contatá-las por meio de uma ligação telefônica, devido à pandemia da covid-19, visto que, categoricamente, elas são consideradas do grupo de risco. Na oportunidade, expliquei, parcialmente, sobre a dissertação do mestrado profissional (objetivo, metodologia e produto educacional) e que gostaria de saber das condições para que elas participassem. Prontamente, minha solicitação foi muito bem acolhida por todas, mas percebi uma certa preocupação da professora mais experiente, ao falar: “Eu nem sei se lembro ainda de muita coisa sobre a sala de aula, mas não deixe de vir”; a professora diretora foi, também, super acessível e se

⁶ Santa Quitéria é um município brasileiro do estado do Ceará. Sua população foi estimada em 43.703 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019.

prontificou com muita satisfação, dando o “sim” ao convite; e a professora mãe foi a última a dizer “sim”, sem esboçar outras expressões que me desse condição para interpretação. Ainda nessa comunicação inicial, reforcei que eu já estava imunizada com as duas doses contra a covid-19 e que tomaria todos os cuidados necessários, como a utilização da máscara, álcool em gel e higienização dos materiais que utilizaríamos durante a minha ida ao campo.

Em meados do mês de setembro de 2021, estive presencialmente para detalhar os procedimentos, iniciando, efetivamente, a construção de dados. Aproveitando o ensejo, foi realizada a explanação dos objetivos da minha pesquisa de mestrado, ressaltando os encaminhamentos metodológicos: dispositivo investigativo e formativo, Colcha de Retalhos desenvolvido por Berkenbrock-Rosito (2016).

A partir do relato da resenha do filme “A Colcha de Retalhos”, e antecipando que não utilizaríamos a dimensão fílmica, fui contextualizando a metodologia e orientando que cada professora faria seu retalho para, ao final, formar um grande bordado delas numa colcha, ponto em que se presenciaria a fusão do singular para o plural, momento em que costuraríamos as histórias formando a Colcha de Retalhos. Nessa ocasião, foi realizada a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, após leitura do respectivo termo.

Optamos por um percurso metodológico que visasse a coerência científica associada ao entendimento dos elementos que compreendem os saberes docentes das professoras no período em que elas estavam no ensino superior.

Quadro 1 – Dimensão escrita da Colcha de Retalhos

DIMENSÃO ESCRITA DA COLCHA DE RETALHOS		
1ª Etapa	2ª Etapa	3ª Etapa
<p>Relato de cenas: Descrever três cenas marcantes de sua experiência na educação básica.</p> <p>1. Como foi sua relação com o conhecimento? Foi uma relação de autoria ou submissão?</p> <p>2. Como foi sua relação com o professor? Foi uma relação de autoria ou submissão?</p> <p>3. Que aluna fui?</p>	<p>Elaboração do quadro “Linha da vida”. Realização de um mapeamento de momentos charneiras.</p> <p>Categorias de espaço e tempo:</p> <p>1. vida familiar;</p> <p>2. vida escolar;</p> <p>3. vida profissional;</p> <p>4. pessoas;</p> <p>5. livros/filmes/músicas.</p>	<p>Assistir ao filme Colcha de Retalhos, buscar metáforas significativas da sua história de vida, compondo, assim, a etapa da narrativa fílmica.</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Figura 4 – Materiais para a construção da Colcha de Retalhos



Fonte: acervo da autora.

Inicialmente, agradei o aceite das participantes nessa atividade de pesquisa (auto)biográfica. No que se refere aos materiais que foram disponibilizados, foi mantido o cuidado de triplicar a quantidade de materiais como medida de zelo e segurança contra a covid-19. Nesse contexto, as docentes se posicionaram em uma mesa oval, mantendo distância entre si de um metro, aproximadamente. Na escolha do tecido para confeccionar o retalho, todas selecionaram o mesmo tecido, isto é, sem estampa, na cor “crua”. Depois disso, combinaram que fariam um forro com o retalho estampa, pois o tecido liso realça as imagens. Aproveitei a ocasião e me prontifiquei a apoiá-las no momento da colagem, caso fosse necessário, visto que tínhamos na mesa, à disposição, cola bastão (cola quente).

Com o material disponibilizado na mesa, ao alcance das participantes, retomei minha intenção de realizar o trabalho com elas, explicitando os objetivos e a escolha delas como participantes. Ademais, fiz uma explanação sobre o dispositivo formativo

e investigativo Colcha de Retalho. Narrei um trecho do filme “A Colcha de Retalhos”, fazendo analogia ao momento com elas. Continuei a fala de forma a elucidar o procedimento das perguntas disparadoras para iniciar a referida atividade, que não seria nada que se distanciasse das memórias delas, praticamente trataríamos sobre o conhecimento, relação professor-aluno e quem era cada uma no tempo de aluna, no período do curso universitário. Nesse instante, senti um rápido desconforto da participante Alba Flaviana, a qual proferiu as seguintes palavras: “Minha filha, não lembro de nada, o meu maior problema que eu tenho é o esquecimento. Não me lembrarei de muita coisa” (ALBA, 2021).

Rapidamente, as outras duas participantes acolheram o sentimento de insegurança da Profa. Alba Flaviana em não lembrar das respostas e trouxeram, em suas falas, o apoio necessário para resgatar um trecho da vida esquecido pela poeira do tempo, assegurando: “Dona Alba, não se preocupe. Nós podemos iniciar a conversa nos atentando para não dispersar, e, nessa hora, você recobrará sua memória e virá até o que não vai ser perguntado” (MARIA, 2021).

Apoio reforçado pela Profa. Dulcinéa, ao dizer: “Alba, não se preocupe. Suas lembranças virão, nós três trabalhamos no mesmo período e colégio. Sabíamos da sua história, e você, da nossa. Assim, aí vão ajudando nos detalhes caso seja necessário” (DULCINÉA, 2021).

Nesse momento, tive a percepção da calma no semblante da Profa. Alba, quando confirmou, com um balançar de cabeça, que prosseguiríamos dessa forma, enchendo-se de confiança. Nesse movimento do *ninguém vai soltar a mão de ninguém*, ocorreu uma espécie de momento charneira, momento que Josso (2006) destaca como espécie de dobradiça, que funciona como reconstrução do percurso de vida. Para mim, o exemplo ilustrou o alinhavar das narrativas que estavam soltas ao longo do caminho pela ação do tempo, as quais, a partir dali, seriam costuradas na Colcha de Retalhos. Além disso, apesar de eu não estar fazendo o meu retalho com elas, essa experiência será, um dia, bordada no meu retalho e costurada em uma nova Colcha de Retalhos.

Falar das suas experiências formadoras é, pois, uma certa maneira de contar a si mesmo a sua própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Mas é também uma certa maneira de representarmos o facto que neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe a nossa consciência da qual ela extrairá as informações úteis às nossas transacções connosco próprios e/ ou com nosso meio humano e natural (JOSSO, 2002, p. 34).

Nesse instante de imersão, costuravam-se passado e presente. Em outros termos, esse encontro não era apenas das participantes, era meu também, em uma espécie de identificação mútua, na tomada de consciência, no movimento reflexivo da representação das professoras que fizeram/fazem parte da minha constituição como professora. Na imersão de me encontrar, enxerguei condutas e comportamentos que herdei delas e de outros que não estavam na costura dessa Colcha de Retalhos.

Após as orientações acerca de como seria conduzida a entrevista narrativa com elas, solicitei autorização para gravar e disse que minha participação seria mínima, que eu iniciaria, mas que o percurso seria com elas, o que se configurava como uma oportunidade até de conhecer mais o que, à época da convivência profissional, o tempo não permitiu.

4.1 Processo de construção da narrativa escrita na feitura da colcha de retalhos

É chegada a hora! Em cada momento de nossas vidas, tínhamos professores que nos afetavam positiva e, também, negativamente. Alguns chegavam à imortalidade e seriam as referências nos quadros de nossas memórias, por inúmeros motivos, como ser ponte entre o conhecimento construído na escola. Como entrada, eu puxei a linha das participantes para costura da primeira pergunta sobre a relação delas com o conhecimento.

Tudo caminhando a contento, menos meu coração, que começou a pulsar fortemente, era a emoção e responsabilidade de conduzir um momento tão significativo, com participantes que exerceram docência, fizeram e fazem parte da minha constituição identitária. Nesse contexto, sabendo sobre que tipo de alunas elas foram durante o curso universitário, eu obtinha pistas reflexivas para me situar dentro do meu fazer pedagógico, ou seja, refletindo sobre quais condições elas refletiam em mim.

Simultaneamente com a narrativa, elas foram construindo cada qual o seu retalho, a partir do qual, intuitivamente, simulavam o mesmo ato que ocorre no filme “Colcha de Retalhos”, em que as mulheres vão costurando no fiar da linha. Enquanto isso, eu compreendia, por meio do dispositivo Colcha de Retalhos, a subjetividade de cada participante que costurava seu retalho no instante em que resgatava sua história. A Colcha de Retalhos, nesse sentido, caminha na contramão dos estudos positivistas

e estruturalistas, concedendo a relevância do ser humano, colocando-o no centro da vida.

Como dispositivo metodológico investigativo e formativo, a Colcha de Retalhos nos aproxima do outro pela possibilidade de escuta, dando importância e poder de fala, respectivamente. “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2010, p. 147).

Enquanto os retalhos estavam sendo alinhavados e bordados pelas participantes, era possível captar como a atividade implicava cada uma delas pelo tom de voz embargada que tomava conta do espaço. Uma trazia a indignação ao rememorar a didática com a qual determinado professor universitário conduzia a turma, e a outra, por inúmeras vezes, ressaltava a ditadura e as aulas de ciências sociais e humanas, as quais funcionavam como uma válvula de escape.

A escola precisa formar, informar e não formatar o aluno, evitando limitá-lo a mero telespectador da transformação instrumental da matéria, porém, deve priorizar, em seu papel, a educação para uma consciência verdadeira. Segundo Adorno (1995), fundador da dialética dos filósofos da Escola de Frankfurt, “[...] uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado”. Assim, embora não se possa desejar que a formação humana seja imposta de fora para dentro, a educação vai exigir não uma “modelagem” das pessoas ou a mera transmissão de conhecimento, mas um fortalecimento dos indivíduos contra a pressão da organização do mundo (ADORNO, 1995, p. 141-143).

Adorno trata, na sua potencialidade, sobre a práxis crítico-transformadora direcionada à educação, visto que ele defende a práxis formadora como possibilidade de transformar o homem em sujeito crítico, social e reflexivo, sendo contrário a toda forma de opressão e barbárie, visto que uma educação para a emancipação só teria algum sentido como educação para uma autorreflexão crítica (ADORNO, 1995).

Sob essa perspectiva, é preciso garantir a construção do conhecimento. Dessa forma, é papel primordial da escola inserir o aluno no meio social, despertando nele a capacidade de lutar sempre pelos seus ideais. O docente não tem apenas o mero papel de transmitir conhecimento e, sim, ser o professor da pergunta, conforme pensa Paulo Freire (2018), compreendendo que a pergunta não é apenas uma pergunta, tampouco pergunta para desestruturar relações. Desta feita, é necessário reconhecer a ausência de perguntas, estas, muitas vezes, vale destacar, são caladas pelo medo.

A pergunta deve ser proferida com a finalidade do querer saber como ação epistêmica, especificamente na condição de uma ampliação sobre como se enxerga o mundo, com permissão à leitura de mundo, só assim a relação palavra-ação-reflexão se manterá viva.

Cada narrativa trazida pelas participantes desta pesquisa na construção dos retalhos é uma experiência estética, que parte da fruição para explicar o sentido daquilo que implica, que afeta cada uma, por meio do poder da imaginação em oposição à concepção materialista que procura definir o sentido pela razão.

Na ilha de imagens de cada participante da pesquisa enxerga-se a autoria singular plural de cada uma, onde na perspectiva da formação das relações acontece a transição do pensamento analógico para a linguagem das metáforas, visto que ao tomar consciência dos sentimentos com relação a uma determinada imagem, a experiência é consolidada, pois a reconstituição da história mora em nós e esta configura a formação estética. “A estética é a história da sensibilidade, do imaginário e dos discursos que procuram valorizar o conhecimento de sensibilidade, dito inferior, na civilização ocidental, ao conhecimento racional” (JIMENEZ, 1999, p.17).

De acordo com Delory-Momberger (2008), a história é a via de apropriação de sua vida por outro ser humano, sendo que, a partir do vivido, interpretamos e elaboramos nossa narrativa. Essa narrativa, de caráter heurístico, resume-se à seguinte assertiva de Delory-momberger (2008, p. 37): “[...] não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história de nossa vida porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

Na relação com as professoras pesquisadas, a história de vida vai se constituindo, e essa história é, também, moldada por meio da linguagem da pesquisadora que organiza o cenário para a realização dos acontecimentos experienciados, a partir de uma lógica espaço-temporal que, obrigatoriamente, não é linear. O narrador se torna autor de sua história pelos acontecimentos exteriorizados via narrativa, em que o experimentado não se situa, exclusivamente, no aspecto psicológico de um sujeito isolado em si mesmo, visto que as relações acontecem entre as pessoas por meio das interações. Desde modo, os elementos centrais desta pesquisa giram em torno dos saberes da experiência em um determinado tempo-espaço, especificamente no período em que cada participante estava no curso universitário, ou melhor, no curso inicial para o exercício da docência.

4.2 Interpretação das narrativas (auto)biográficas a partir da hermenêutica

Na esfera das experiências com a pesquisa (auto)biográfica, o diálogo é efetivado na linguagem e na história. Ressaltando Almeida (1999), apresenta-se a elaboração inspirada na hermenêutica filosófica:

Para Gadamer o círculo da compreensão ganha sua plena explicitação na linguagem. Isso quer dizer que a linguagem é a casa do Ser que deve ser compreendido. É na linguagem que a consciência histórica emerge com toda sua agudeza; a linguagem é o lugar da efetivação do diálogo e da historicidade. A inesgotável possibilidade de sentido da linguagem a torna horizonte último da compreensão nas três dimensões em que ela se efetiva: compreensão (estrutura prévia), interpretação e aplicação (ALMEIDA, 1999, p. 48).

Os desafios da pesquisa no campo educacional são vencidos pelo enfrentamento pautado na dialogicidade freireana, na construção do respeito mútuo, na transformação de si e do outro. Na lição de Freire (2011, p. 103), “Não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo.” Nessa linha, Freire (2011) relata:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmo, significa também a negação do risco (FREIRE, 2011, p. 45).

Desta feita, as experiências decorrentes de variados campos sociais carregadas pelo indivíduo o tornam singular, porém, social. A análise das narrativas utiliza a perspectiva hermenêutica no intento de compreender a si, o outro e o mundo. Destarte, “[...] compreender significa que eu posso pensar e ponderar o que o outro pensa. [...] Compreender não é, portanto, uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo” (GADAMER, 2000, p. 23). Nesse sentido, compreender é enxergar além do que meu olhar alcança, é enxergar com sensibilidade dentro da subjetividade.

A hermenêutica esgueira-se nas entrelinhas, ou seja, naquilo não dito diretamente, perscrutando sentidos e sentimentos ocultados nos textos.

Narrar é a concretização do pensar que constitui a linguagem levando o sujeito à reflexão, em que o ponto de partida começa em si, numa autorreflexão que gera sensibilidade, transformação de si e humanização.

Na lição de Berkenbrock-Rosito (2002):

É esse o olhar na perspectiva da Hermenêutica, a arte de experimentar todas as possibilidades para fazer uma seleção. No mergulho podemos nos perder, é preciso efetuar um estranhamento do que se pesquisa, afastar a palma da mão da ponta do nariz, porque o texto pode causar um ruído que prejudique sua interpretação. No afastamento o nosso trabalho cresce, também com o olhar do outro, a parceria daqueles que estão a nossa volta, comungando do mesmo desejo. Filmes, teatros, literatura... nesse diálogo nos reconhecemos e construímos o conhecimento. É um poder carismático que chega de mansinho, mas pode provocar uma ruptura com uma forma de pensar ingênua e idealista com muita força, porque trabalha com o mundo vivido e com a sensibilidade das pessoas (BERKENBROCK-ROSITO, 2002, p. 13).

A autora registra que, independentemente de textos ou narrativas, aponta a importância da relação dialógica entre o pesquisador e os dados quando considerados sob o enfoque hermenêutico, visto que a hermenêutica é um método para análise de dados, que concebe a inclusão de outras linguagens, além oralidade, sendo possível interpretações a partir de gestos, olhares, condutas que dão condições ao pesquisador de olhar além do alcance e compreender o não dito, opondo-se a uma única e absoluta verdade, como anuncia Gadamer, e sem o intento de se tornar verdade absoluta.

A hermenêutica, como dimensão ontológica do ser, busca interpretações nas entrelinhas, na contramão da racionalidade. Durante a confecção da Colcha de Retalhos, podíamos interpretar sob o enfoque da hermenêutica e, assim, compreender até o silêncio que demorava para resgatar a memória guardada que ainda tinha o poder de amedrontar, de entristecer, de se alegrar, isso tudo dependendo de cada experiência, visto que a hermenêutica se pauta nos sentidos e significados.

5 ANÁLISE DOS *BOR-DADOS*: NARRATIVA ESCRITA, DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS

A escolha pela Colcha de Retalhos, dispositivo metodológico de pesquisa e de coleta de dados, deu-se pelo caminho investigativo. A investigação da formação inicial de três professoras, que hoje se encontram na condição de aposentadas, atinente ao processo formativo para o exercício da docência, refletindo como a formação delas reverbera na minha prática pedagógica.

A pesquisa de campo compreendeu a observação participante, realização de entrevistas narrativas, construção da narrativa escrita: como foi sua relação com o conhecimento? Foi uma relação de autoria ou submissão? Como foi sua relação com o professor? Foi uma relação de autoria ou submissão? Que aluna fui?

Outro fato a ser destacado é que não realizamos todas as dimensões da Colcha de Retalhos. Para tanto, esta dissertação privilegiou a etapa da dimensão da narrativa escrita, no que diz respeito à construção da Colcha de Retalhos.

No encontro que reuniu as professoras, trabalhou-se a dimensão de narrativas escritas por meio das perguntas disparadoras supracitadas, com entrevistas narrativas, inspiradas nos procedimentos descritos por Jovchelovitch e Bauer (2002). Nessa ocasião, elas participaram do feitio da Colcha de Retalhos, desenvolvida pela professora Berkenbrock-Rosito na intenção de compreender o alcance da escuta de narrativas (auto)biográficas de professoras, na condição de aposentadas, na reflexividade (auto)biográfica, uma dimensão da Colcha de Retalhos.

Nesse entendimento, a entrevista narrativa (EN) foi essencial nesse processo, pois encorajou “[...] um entrevistado, doravante informante, a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015, p.93).

A EN foi originalmente proposta como método por Fritz Schütze, a ser utilizada como técnica para produção de história de vida. Para Jovchelovitch e Bauer (2015), uma forma elementar de comunicação entre seres humanos é contar história, em que a pessoa organiza a fala numa sequência temporal ou não, destacando fatos relevantes.

Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal [...] Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015, p. 91).

Escolhi a pesquisa (auto)biográfica para compreender e interpretar as narrativas escritas de professoras na condição de aposentadas, porque entendi que, a partir das considerações teóricas de Josso sobre o caráter formador das experiências com o conhecimento, da relação com o professor e da aluna que fui, as narrativas poderiam revelar os aspectos formadores de suas identidades e subjetividades

Desta feita, referenciada em três modalidades de elaboração da experiência sinalizada por Josso (2010, p. 51): “[...] o ter experiência, o fazer experiência e o pensar sobre a experiência” estas estratégias geraram um processo (auto)formativo e facilitaram a compreender “o que são as experiências formadoras numa vida”.

Figura 5 – Construção da Colcha de Retalhos



Fonte: arquivo da autora (2021).

O bordado de cada retalho nos permitiu a leitura de imagens na compreensão de associar cada retalho à sua autora. As opções estavam bem disponíveis, literalmente sobre a mesa, e o mais observado e curioso, que diante de todos os

materiais, cada retalho apresentou flores para uma possibilidade de, posteriormente, seguir com as tessituras da narrativa pictórica.

Justificamos, ainda, a utilização de máscaras durante a costura da Colcha de Retalhos pela necessidade do distanciamento físico e social, em decorrência da pandemia da covid-19.

Na pretensão de realizar o tratamento dos dados construídos na primeira dimensão da Colcha de Retalhos, caminhamos com a análise temática dos dados. Esse procedimento foi proposto por Jovchelovitch e Bauer (2015) como condição de organização dos dados que foram transferidos para um quadro, com três colunas, em que a primeira compreendeu o texto na íntegra e o nome do narrador; na coluna do meio, ou seja, na segunda coluna, metodologicamente, fizemos a primeira sentença sintética e, na última e 3ª coluna, a paráfrase, finalizamos com as palavras-chave.

Sequenciando, a narrativa escrita, nessa etapa, sofreu uma redução do texto qualitativo até alcançar a sentença sintética de passagens completas ou parágrafos. Essa etapa é conhecida como paráfrase, geradora das palavras-chave com pretensão de discutir resultados encontrados.

Essa redução legitima a interpretação textual, propiciando uma maior compreensão sobre seu fenômeno, substancialmente, permitindo reformulações que pautam a subjetividade. Válido ressaltar que a leitura e a releitura do material construído durante a entrevista narrativa viabilizam, com mais definição, os temas e subtemas recorrentes.

Na Colcha de Retalhos, tudo é expressão. Além da verbalização, o corpo fala e as imagens de cada retalho têm sua expressão. Nessa perspectiva, não é simplória a análise das imagens na segunda dimensão da Colcha de Retalhos, identificada como narrativa pictórica. Cada imagem construída no retalho pode representar a vida reprimida, as lutas travadas e vitórias conquistadas, a alegria ou tristeza de viver.

Costurada pelas professoras na condição de aposentadas, interpretei três diferenciadas situações pela forma com que elas utilizaram os espaços para se definirem. Uma fez uso de flores bem alinhadas e iguais, outra professora trouxe ao seu jardim uma diversidade de flores e a terceira optou por uma aplicação com flores no canto superior do seu desenho. A interpretação tem inúmeros pontos de vista, a depender de qual ângulo é tomado como ponto de referência, ou seja, seu local de fala poderá ser crucial para a concepção que construirá.

Enfim, a pesquisa (auto)biográfica oportunizou a reflexividade na discussão de quem somos, de quem podemos vir a ser na história a partir das nossas experiências, e ainda se caracteriza por seu eixo investigativo e formador, ou seja, no conhecimento de si e de seus aprendizados, suas significações, ao viver os papéis de ator e investigador das narrativas da própria vida.

5.1 Reflexões sobre a experiência narrativa escrita na colcha de retalhos: autonomia ou submissão?

Durante a confecção da Colcha de Retalhos, as professoras receberam as três perguntas disparadoras que proporcionaram a cada uma delas dar sentido ao vivido, na construção da representação de si na costura dos retalhos que constituem e reconstituem os âmbitos formativos e pedagógicos. Nesse sentido, narrar sua história é mergulhar na experiência estética.

O conhecimento é a compreensão por meio da razão, como também pode ser o entendimento pelo experimentado. Nesse entendimento, as professoras, na construção dos seus retalhos, posicionavam-se na primeira indagação da narrativa escrita da Colcha de Retalhos, a qual questiona sobre a relação com o conhecimento, sobre se ter vivido na perspectiva de autoria ou submissão.

Maria Rodrigues se posiciona, assegurando que:

O conhecimento promove a gente na sociedade. Através do conhecimento, a gente consegue se ampliar, a gente consegue ter uma vida diferenciada. As oportunidades da vida da gente surgem através do conhecimento. Eu me lembro muito da dificuldade de se relacionar com a família e comunidade. Os esforços da gente eram muito fechados, não se tinham muitas oportunidades, e com o estudo, a gente consegue se ampliar e ter outras oportunidades (MARIA, 2021).

Isto posto, podemos inferir que a relação da participante com o conhecimento converge ao pensamento de Freire (2018), que apresenta o conhecimento como uma tarefa do sujeito que gera oportunidade e “[...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade (FREIRE, 2018, p. 27).

Conhecimento é a mola propulsora para emancipar o sujeito, pois, a partir do momento em que o sujeito conhece, ele se torna responsável, uma vez que a sabedoria o retira do campo da ignorância e lhe confere responsabilidade.

Construir conhecimentos é um movimento que precisa nascer no interior do sujeito para que o estímulo gere externamente o apoio dos outros na mesma direção. O sujeito precisa ter objetivos definidos e poder de decisão, como bem especificado por Maria, ao dizer que:

A minha relação foi de autoria, eu tinha vontade própria, tinha vontade de estudar, sabia me dirigir e consegui vencer porque eu não era “bitolada”, sabia decidir o certo e o errado. Eu sabia o que eu queria e o que eu não queria, fazia o que era justo, o que era certo, por isso, nunca dependi de professor, porque eu estudava e tinha minhas notas boas, estudava e passava (MARIA, 2021).

Ratificando a condição de autoria da professora Maria com relação ao conhecimento, ela defende que o conhecimento afasta da alienação, desenvolve a humildade e promove o sujeito enquanto pessoa nos âmbitos pessoal e profissional. Assim, “[...] não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos” (FREIRE, 1997).

O conhecimento possibilita ao homem o desbravamento de novos mundos, colocando-o em uma posição que, de acordo com a ampliação da capacidade dele em aprender, a professora Alba o define a partir de sua própria experiência:

Lá no colégio quem tirava o 1º lugar desde o jardim até se diplomava, ganhando uma medalha de ouro. Aí eu cheguei e tomei o lugar da Socorro. Um mês era eu e outro mês era ela. Aí a gente ia reversando, graças a Deus nunca me aperreei, sempre tirava nota boa, nunca fiquei de 2º época também ninguém saía, era só estudando (ALBA, 2021).

No relato da professora Alba, é possível visualizar uma educação com metodologia tradicional ao tratar do *ranking* com premiação de medalhas. Ao lembrar que “nunca ninguém saía, era só estudando”, contribui para refletirmos sobre a obediência e submissão, traz à tona uma fala que sugestiona a ponderar isto: e se eu tivesse experimentado fazer diferente, o que teria acontecido?

Sob essa compreensão, infere-se como se torna indispensável educar com vistas para a autonomia e para a emancipação do homem, já que ainda utilizamos um modelo de escola que, desde a sua criação, surgiu como uma engrenagem da máquina social, um lugar onde se ensinam a obediência, a aceitação e a submissão para a vida em sociedade.

A experiência de narrar seu percurso resgata sabores e dissabores do processo formativo, que se constitui como estética do lembrar, (re)viver, sentir, etc.

Me deu a oportunidade de escolher. Como toda vida eu gostei de história, geografia, ciências e novidade e saber as coisas do mundo. Tivemos duas

semanas para estudar. Fiz ciências sociais, passamos. Eu passei e deu certo fazer ciências sociais porque era as matérias que eu gostava, ciências, geografia, história, sociologia, e a gente tinha muitos debates, era época da ditadura. A nossa professora de sociologia era a dona Olga Mattar. Tínhamos debates enormes. Eu sentia afinidade porque eu gostava de história e geografia, por isso escolhi o curso de ciências sociais. Tinha 3 anos de curso e fui transferida para Porto Alegre. Tudo bem, tinha que obedecer porque tinha feito voto de obediência (DULCINÉA, 2021).

No registro da narrativa escrita da Dulcinéa, fica evidente que ela experimentou autoria e submissão. Na transferência dela de uma cidade para outra, no período do curso universitário, não teve escolha, nem poder de decisão, pois havia feito votos perpétuos na congregação religiosa. Ela escolheu o curso que gostaria de fazer, expressando uma enorme satisfação em poder optar de acordo com o que gostava de estudar; nessa etapa da vida, sentiu-se autônoma. Destacamos a submissão pelas palavras que ela traz na narrativa quando expressa a transferência dela para Porto Alegre: “Tinha 3 anos de curso e fui transferida para Porto Alegre. Tudo bem, tinha que obedecer porque tinha feito voto de obediência’.

Entretanto, a narrativa traz a estética da impotência quando a professora fala dos debates sobre a ditadura nas aulas. Essas recordações se desencadeiam na Colcha de Retalhos quando a participante é levada a refletir sobre o conhecimento e sobre sua relação com seus professores. No decorrer da entrevista, a professora se manifesta positivamente sobre a conduta dos professores que, mesmo estando em ditadura, promoveram muitos debates.

O ver e o ouvir fazem parte do processo do olhar estético, em que cada pessoa tem a possibilidade de olhar para si, para o outro e com outro por meio da aprendizagem do diálogo. No entanto, não fomos trabalhados para ouvir, no sentido de refletir sobre o que se escuta, e, conseqüentemente, tomamos decisões estereotipadas de acordo com o que nos agrada, fechando-nos para o que escutamos e não nos agrada.

Para tanto, no exercício da reflexividade, desenvolve-se a autonomia do sujeito na direção que vão se construindo os valores estéticos, por meio da experiência formativa, mudando do campo da alienação para o espaço autônomo, conforme fundamentação em Adorno e Freire.

Conforme Adorno (2003), faz-se necessário olhar para a práxis crítico-transformadora, que só é possível ocorrer com a transformação do homem em sujeito, em uma educação contrária a diferentes formas de opressão e barbárie, pois:

[...] aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz (ADORNO, 2003, p. 185).

A reflexão com enfoque em Adorno é um convite ao engajamento, em que o processo emancipatório se concretiza pela coragem e enfrentamento do sujeito a toda forma de passividade imposta.

Na condição de professor, não se deve olhar para o aluno como alguém incapaz, pois o respeito ao outro e a contribuição trazida por cada sujeito ampliam nossos conhecimentos, em um movimento de troca de experiências. Toda relação deve ser permeada de transparência, compromisso, comunicação e verdade para que o alicerce seja estruturado.

Nesse sentido, o diálogo é uma necessidade da existência, o seu exercício implica parceria entre professor e aluno. Dessa forma, o discente será compreendido como sujeito da historicidade.

Por sua vez, Maria sinaliza sua relação com os professores no curso universitário, ao dizer que:

Minha relação com professor. Meus professores foram bons entre aspas. Até o 3 ° normal, tudo. Nenhum problema. Na faculdade, tínhamos os professores bons e os medíocres. Como a minha faculdade era nas férias, a gente não aguentava ficar sem aula. Tinha professor que não passava nada e um dos professores não dava aula. Fizemos um abaixo-assinado, conseguimos substituir um professor. O líder da sala, Juriti, não aceitava e nem a turma (MARIA, 2021).

Essa relação professor-aluno implantada na verticalidade também é experiência da Alba, que, ao lembrar, executou o movimento de baixar a cabeça. Em seguida, depois de um ligeiro silêncio, trouxe cenas de seus professores por meio da fala:

“Mestra Sofia [...] era a pior que tinha. Ela reclamava muito das coisas. A outra, muito séria, ninguém nem falava com ela, porque tinha medo. Tinha a que ficava na porta. Eu era muito calma, calada e ela não dizia nada” (ALBA, 2021).

Em análise, a partir do sentimento de medo expressado pela professora acima, pode-se afirmar que o sistema opressor anula a condição do oprimido se tornar consciente da sociedade a qual ele está inserido.

Além do mais, os discursos das professoras que costuravam seus retalhos deixam o entendimento de que o professor deverá ir além do repasse frio de conteúdo, isto é, deve comprometer-se e inserir-se no processo de ensino-aprendizagem dos

alunos. A relação professor-aluno deve ser permeada pela interação e comunicação com a intencionalidade de construir conhecimento, rompendo modelos prontos e acabados, exercidos em padrões inflexíveis, já que “[...] aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 2018, p. 69).

A relação professor-aluno experienciada pela Dulcinéia, novamente, traz o contexto histórico da Ditadura Militar, muito embora ela expresse uma dimensão de autoria nesse aspecto de sala de aula, visto que gozou de espaço de fala, conforme destaca ao assegurar que “[...] a relação era cordial, estava num período difícil por conta da ditadura, mas tínhamos debates e era como a Maria, nunca deixei de falar” (DULCINÉA, 2021).

É na compreensão da importância da fala do outro que se funda o respeito dialógico entre professor e aluno, com qual estética o aluno aprende e o professor ensina, apresentando-se como preocupação a construção da relação com o outro, que reside na descoberta das belezas existentes.

Para concluir a narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, a pergunta se voltava para uma (auto)reflexão, pois apresentaremos o que cada uma delas sinalizou sobre a aluna que elas foram no período da faculdade:

Faculdade me deu a oportunidade de assumir o estado, a pós-graduação foi outro degrau. Sou feliz. Como aluna, nem na faculdade não tenho paciência para enrolação. Reivindicava meus direitos. Eu preciso do dinheiro, mas tenho responsabilidade com relação ao aluno. Sempre fui responsável, ainda sou (MARIA, 2021).

Eu sempre fui quieta. Era uma boa aluna, eu só estudava (ALBA, 2021).

Eu sentia afinidade porque eu gostava de história e geografia, por isso escolhi o curso de ciências sociais. Tinha 3 anos de curso, foi transferida para Porto Alegre. Tudo bem, tinha que obedecer porque tinha feito voto de obediência (DULCINÉA, 2021).

As leituras e experiências da Colcha de Retalhos são evidências investigativas e reflexivas no tecido da pesquisa (auto)biográfica. Através do ato de narrar, reconhecemo-nos como sujeitos na nossa própria história envolvida, pelos fios das experiências singulares apresentadas no entrelaçamento dos fios plurais, potencializando a reflexão por meio da narrativa escrita. Viver a experiência da Colcha de Retalhos pela segunda vez, sendo essa em outra perspectiva, fez-me refletir que a narrativa construída no presente nos transporta ao passado e nos projeta ao futuro, dando-nos condições de atores e autores do nosso próprio processo formativo. Enfim,

a cada retalho confeccionado, a partir da narrativa do outro, fui tentando identificar e viver as convergências e divergências que ecoavam entre os nossos percursos formativos, na reflexividade do quanto somos resultado da vivência em coletividade a partir da nossa singular existencialidade.

Neste trabalho, com o dispositivo formativo e investigativo Colcha de Retalhos, caminhou-se, pretensiosamente, na recorrência da autonomia e emancipação, pautadas em Freire e Adorno. Nesse aspecto, defendeu-se a oportunidade de fala do sujeito, da humanização das pessoas na via de que todas têm uma narrativa histórica a ser considerada, na contradição da coisificação, em considerar o ser humano como objeto, considerando-o como depósito ou folha em branco a ser preenchida.

A vida das pessoas é atravessada pela sua (auto)biografia no encontro com as narrativas biográficas dos outros que caminham entre nós, laços, costuras e retalhos históricos que desenvolvem a consciência histórica de cada sujeito, na Colcha de Retalhos da vida, em que a escrita se configura na história de vida, como a catarse que, ao mergulho de si e em si, faz vir à flor sentimentos, traumas, sonhos adormecidos e desejos não impossíveis, porém, não realizados, por conta de nós apertados, laços mal atados, nós desamarrados e outros amarrados demais.

Devido a isso, dizemos, muitas vezes, que a vida nos impõe tais laços, no sentido de relações dos acontecimentos que nós escolhemos ou aceitamos. Porém, é na constância do movimento de alquimia interior que o sujeito pode transformar trevas (que defino como dores e traumas) em luzes, no sentido de (auto)conhecimento das suas potencialidades, na desconstrução de sentidos e significados para reconstruir, com base no ser ontológico, a ressignificação pautada nas marcas do percurso acadêmico e profissional, prenhe de afetividade e forma de afetar o outro a partir do olhar diferenciado das narrativas de cada sujeito, fortalecendo o caráter de pertencimento e se reconhecendo como sujeito social e histórico.

A compreensão de autonomia e emancipação fundamentada em Freire e Adorno se refere a caminhar considerando autonomia quando o sujeito busca a identidade de si e para si, pois, nesse processo, a emancipação de si acontece simultaneamente, já que, quando o sujeito é autônomo, concomitantemente, ele emancipa o outro, dando-lhe espaço de fala, respeitando o percurso de formação do outro, desenvolvendo uma escuta sensível.

Nessa via, o elo se fortalece, a reciprocidade se efetiva, uma vez que a emancipação passa a ser o movimento que eu faço para a construção da identidade

do outro. Nesse passo, segundo Adorno (2003), caminha-se em direção à emancipação do sujeito da indústria cultural, quando o renovo se completa ao olhar para o pretérito em busca de evidências presentes na contínua reflexividade diante da indústria cultural, exigindo de cada pessoa posicionamento com autonomia para que haja a ressonância política, social e ética de cada sujeito.

Autonomia e emancipação soam e devem ser entendidas pelo sujeito do mundo contemporâneo como uma palavra composta, potente e que liberta a pessoa da escravidão de uma sociedade à qual é sujeita, refém do olhar do outro, que vive sob o comando do capitalismo manipulável que a transforma em homem-anúncio da indústria cultural.

As professoras participantes, docentes na condição de aposentadas, trazem falas e expressões corporais carregadas da necessidade da construção e vivência da autonomia e emancipação, muito embora, em alguns trechos proferidos durante a feitura da Colcha de Retalhos, percebeu-se a resistência em serem submissas diante do contexto que se apresentava a elas durante o curso universitário, ou seja, o período histórico da época.

Ainda se pautando nas construções dos dados coletados, diversas vezes, a Ditadura Militar veio, explicitamente, junto às respostas de uma das professoras, período histórico iniciado com o golpe de 1964, marcado pelo autoritarismo e violação dos direitos humanos, como o poder de livre expressão, permanecendo por 21 anos a condição de sermos governados por militares eleitos indiretamente.

Adorno (2003) aponta a expressão “estética da indústria cultural”, que se refere à arte no estado parálitica, nesse âmbito das mercadorias, veiculando a ideologia do poder social, visto que as mercadorias nos transformam em consumidores a serviço do capitalismo e da semiformação. Como ilustração disso, trago um exemplo de forma mais concreta, trata-se da tecnologia, ao repararmos a aquisição dos aparelhos celulares, os quais, de forma rápida, tornam-se obsoletos, fortalecendo o superficial, o supérfluo, o momentâneo. Na inexistência da educação ética e estética, a manipulação da indústria cultural, pautada por Adorno, potencializa-se, instalando uma massificação, gerando a sociedade da semiformação.

Nessa lição, a visão de Adorno sobre essa fragilidade da sociedade que vive a indústria cultural está no afastamento da escola em relação à sua tarefa primordial, que é oportunizar o conhecimento e desenvolvimento efetivo da reflexividade dos atores que fazem, constituem e se constituem enquanto escola, posto que a perda

desses valores é a anulação efetiva da (auto)reflexão e da autonomia humana, o que instala a cultura da massificação.

Sob esse viés, as questões centrais desta dissertação indagam sobre em que medidas a escuta das narrativas formativas das professoras promove a reflexividade e ressignifica a minha prática e como a autonomia e emancipação podem ser desenvolvidas no espaço escolar por meio das narrativas (auto)biográficas.

Na perspectiva freireana, a dialogicidade, historicidade e dialeticidade são um sustentáculo em um tripé para o enfrentamento de uma sociedade doente, que busca o compromisso com a transformação a partir da comunicação efetiva e afetiva, na partilha, na troca de saberes, na escuta sensível para o alcance da sociedade emancipada, autônoma e humanizada. Conforme Freire (2011, p. 103), “[...] não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo”.

Nesse horizonte, Freire (1997), assevera:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo moldado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmo, significa também a negação do risco (FREIRE, 1997, p. 16).

De acordo com o autor, o diálogo possibilita a abertura de espaço para o debate dos sujeitos históricos, sem a anulação do outro, no processo de emancipação mútua, de diferentes posições, exaurindo a verticalização do conhecimento de cada sujeito. Ainda com base nas reflexões de Freire, “[...] a verdadeira educação não se faz de A para B ou de A com B, mas de A com B mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia uns aos outros, originando visões ou ponto de vista sobre eles” (FREIRE, 2011, p. 116).

Nesse sentido, a reflexividade, a partir das nossas experiências, permite à pesquisa (auto)biográfica nos apresentar como sujeito singular e, ao mesmo tempo, social, ao carregar acontecimentos vivenciados nos mais diferentes contextos sociais, onde o diálogo é efetivado na linguagem e em cada contexto histórico. Parafraseando Almeida (1999), emprega-se, a seguir, uma pauta inspirada na hermenêutica filosófica:

Para Gadamer o círculo da compreensão ganha sua plena explicitação na linguagem. Isso quer dizer que a linguagem é a casa do Ser que deve ser

compreendido. É na linguagem que a consciência histórica emerge com toda sua agudeza; a linguagem é o lugar da efetivação do diálogo e da historicidade. A inesgotável possibilidade de sentido da linguagem a torna horizonte último da compreensão nas três dimensões em que ela se efetiva: compreensão (estrutura prévia), interpretação e aplicação (ALMEIDA, 1999, p. 48).

Partindo do entendimento supracitado, a construção dialógica de um mundo humanizado acontece com a efetivação do diálogo que atinge pessoas, culturas e conhecimentos por meio do encontro das narrativas. Nessa linha da reflexividade, o diálogo é tido como pilar, e a narrativa do sujeito é considerada fundamental para a compreensão de si, do outro e para outro.

Estudar e conhecer com intensidade a relevância da narrativa que traz o percurso formativo de três professoras une o meu percurso formativo ao delas, desenvolvendo a minha consciência histórica e deixando cada vez mais visível o meu processo de inacabamento frente ao minúsculo conhecimento que tenho e venho construindo diariamente na relação com os outros sujeitos. Desse modo, fica nítido, após a escuta das professoras, que a fala é a força motriz que supera a sociedade a qual busca intensificar e retardar a autonomia e emancipação do sujeito.

Nessa perspectiva, cabe destacar que foi diante deste estudo que vários momentos charneiras aconteceram na minha vida, dos quais destaco os seguintes: o melhor entendimento das minhas condutas positivas e condutas que serão, a partir de agora, ressignificadas. Em sala de aula, muitas vezes depois de proferidas, perguntas disparadoras bombardeavam o meu ser, a minha consciência, com questões reflexivas que questionavam sobre a motivação de tal comportamento.

A palavra é um poderoso instrumento de comunicação. No entanto, o silêncio pode ser uma expressão de privação da oralidade, ou melhor, podemos considerar como anunciação de sentimentos obstaculizados dentro da gente, pois, geralmente, os silêncios sepulcrais são os mais atravessados em nós, buscando força para o rompimento.

Para tanto, proporcionar uma roda de conversa para rememorar as histórias do percurso formativo das minhas professoras, todas em condições de aposentadas, foi de incomparável reflexão. Além do mais, buscar desenvolver em minha prática pedagógica uma escuta ativa, empática, compreendendo que a escola é um local de resistência, de fala, de luta, de busca e de significados que reconhecem e

potencializam cada aluno. Essa Colcha de Retalhos se compõe de espaços para novos bordados, para apreciação e estudo aprofundado de cada imagem.

Fica aqui um convite para construir seu retalho e continuar os bordados-histórias da Colcha de Retalhos.

6 O BORDADO FINAL: VIDEODOCUMENTÁRIO COLCHA DE RETALHOS

“[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo as razões de ser porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2018, p. 39).

A pesquisa (auto)biográfica, na via da sua subjetividade, propicia abertura para esse se assumir enquanto sujeito capaz de se transformar trazido por Freire (2018). Nesse horizonte, é o movimento de se pensar, de pensar sua prática, repensar e transformá-la.

O mestrado profissional, por sua vez, dentro dos seus requisitos, exige o produto educacional, gerado da dissertação, como construção de identidade própria, que tem o intuito de orientar, instruir, visando à melhoria para o objeto pesquisado. A palavra “produto” nos lança ao pensamento de uma concepção mais positivista e materialista, contraditória ao caráter estético da sensibilidade e subjetividade. A partir disso, cabe ao pesquisador apresentar o produto educacional de acordo com a natureza da sua pesquisa, sendo ela de caráter subjetivo ou não.

Os produtos educacionais, conforme Moreira (2004), são ferramentas construídas pelos próprios pesquisadores/profissionais em formação na intencionalidade de viabilizar a prática pedagógica, a partir de questões com sentido e significados, identificando situações-problema por intermédio do seu contexto profissional. Nessa perspectiva, cada produto profissional deve ser atividade essencial no percurso de formação de cada mestrando, possibilitando a contribuição da prática pedagógica. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vale frisar, é regulamentada pela Portaria n.º 080, do dia 16 de dezembro de 1998, e tem o intento de aproximar o formando do seu campo de atuação profissional (MOREIRA 2004).

O pesquisador e o público necessitam compreender que o produto educacional é processo que culmina a partir de uma construção anterior, a qual, em sua materialização, não é bula, receita, manual, ou seja, determinação que exija do profissional uma postura inflexível.

O produto educacional apresentado se refere à dissertação intitulada de “Memórias e formação docente: das teias do vivido à tessitura de si por meio de narrativas escritas de professoras, uma dimensão da Colcha de Retalhos”, do Curso

de Mestrado do PPGEF, da Unilab e IFCE, a qual consiste em um videodocumentário com a participação de três professoras, na condição de aposentadas, que participaram da construção da Colcha de Retalhos, um dispositivo de formativo e investigação da Profa. Margaréte May Berkenbrock-Rosito.

O videodocumentário trata do processo de formação inicial de três pessoas que estão na condição de aposentadas, percebendo a potencialidade existente e como esse conhecimento pode reverberar a minha prática pedagógica, visto que me constituo como sujeito histórico com narrativas que se unem à minha, agregam-me, tornando-me mais potente e me levando do campo individual para o coletivo, com uma capacidade de me afetar e me resignificar enquanto docente, pois “[...] não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras, de modo a visar objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação” (CANDAU, 2004, p. 48).

Isso posto, o videodocumentário, baseado na construção da Colcha de Retalhos, dispositivo ético, estético, formativo e investigado, traz as narrativas de três professoras na condição de aposentadas, contexto a partir do qual elas respondem aos seguintes questionamentos enquanto confeccionam a Colcha de Retalhos: o que é conhecimento? Relação com professor? Que aluna fui?

O videodocumentário tem uma duração aproximada de 26 minutos, e meu entendimento é que ele atue como documento histórico que resgata narrativas (auto)biográficas e que as memórias esquecidas pela poeira do tempo passem a ser memórias aquecidas que ecoem em nós e passem a ser um bordado da nossa Colcha de Retalhos.

7 TECENDO AS CONSIDERAÇÕES: O ARREMATE

A Colcha de Retalhos, realizada com três professoras que atualmente estão na condição de aposentadas, as quais exerceram docência no distrito de Macaraú, pertencente ao município de Santa Quitéria-CE, vem colaborar para a reflexão sobre memória e formação docente por meio de narrativas escritas, uma dimensão do dispositivo metodológico Colcha de Retalhos, acerca de como a reflexividade (auto)biográfica de professoras, na condição de docentes aposentadas, reverbera a minha prática pedagógica.

Para exercer a docência, não basta cursar uma licenciatura ou ter conhecimento teórico que lhe autorize a assumir a sala de aula. É necessário, também, refletir sobre a prática pedagógica para ressignificá-la, identificando suas limitações e desafios. Para tanto, é importante conhecer a história dos nossos formadores, ou seja, os professores que constituíram nossas histórias.

Como educadores, devemos estar preparados para o diálogo e para a reflexão como espaço de abertura a todos, principalmente àqueles a quem são negados os espaços de fala. O diálogo, no contexto escolar, além de gerar conhecimento, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico em relação ao mundo. Desta feita, aprender a escutar o outro, a entender que cada pessoa traz uma história de vida repleta de sentidos e significados, e a conquistar seu espaço de fala é um exercício contínuo de cada ser humano, ou, pelo menos, deveria ser.

A Colcha de Retalhos, dispositivo formativo e investigativo apresentou-se para nós como uma metodologia que assume um enfoque hermenêutico, contribuindo para a reflexividade da prática docente, com destaque estético e ético de formação, cuja epistemologia se fundamenta na autonomia e na emancipação dos participantes que contam suas narrativas em grupo e para o grupo.

A pesquisa residiu em compreender o alcance da escuta sobre a formação inicial das professoras, na reflexividade autobiográfica e como reverberou a minha prática pedagógica. Para tanto, por meio da feitura da Colcha de Retalhos, ouvi narrações do período em que as três estavam em formação inicial, no curso universitário, buscando a formação para exercer a docência. Cada retalho-história trouxe sabores e dissabores, tais como: os medos, as lutas e resistências. Ao me apropriar da narrativa formativa de cada professora, pude se aproximar, também, de

cada uma delas, e as percepções que eu tinha de cada uma passaram a fazer sentido e a ter significado.

O ser humano não carrega somente herança genética. Depois do estudo das professoras por meio da Colcha de Retalhos, acredito que cada ser humano, mesmo que não exerça a docência, tem um professor ou professora como referência. Nesse aspecto, aqueles que escolheram a profissão de professor e assumiram docência, carregam herança pedagógica. Sob essa perspectiva, na reflexividade a partir das narrativas das professoras-participantes, eu fiz uma ponderação acerca da minha prática e me encontrei em alguns métodos que elas exerciam na docência quando eu fui aluna delas.

Na construção dos retalhos, alguns trechos das narrativas se entrecruzavam, e as trajetórias formativas ganhavam sentido com as marcas negativas e/ou positivas nos processos formativos que influenciaram sua prática pedagógica. A faixa etária das professoras demandou tempo, levando-me a optar por trabalhar somente com uma dimensão da Colcha de Retalhos, a dimensão da narrativa escrita.

Foi durante a feitura da Colcha de Retalhos que compreendi o contexto da educação estética no processo de confecção, na sensibilidade pela experiência estética, ou seja, dimensão estética que deve ser inerente ao fazer docente, em uma apreensão consciente da realidade articulada à intelectualidade. A construção de dados da pesquisa aconteceu na casa de uma das participantes, com todos os cuidados necessários por conta de estarmos, ainda, sob os cuidados preventivos contra a covid-19.

Desta feita, acredito ter alcançado os objetivos propostos durante a pesquisa, culminando na produção de um videodocumentário que apresenta a fala das professoras sobre as cenas do relato da dimensão narrativa da Colcha de Retalhos, com projeções de imagens da feitura da Colcha de Retalhos. Foi constatada a importância de entender e utilizar os conceitos de autonomia e emancipação, a partir da reflexão dos dados construídos na dimensão escrita.

Dessa forma, esta pesquisa contribuiu para a educação de forma geral, propagou ainda mais o dispositivo formativo e investigativo, ratificando que as narrativas convidam os sujeitos a revistar suas histórias, questionando e produzindo realidades que anteriormente não faziam o mesmo sentido de agora. Além do mais, conclui-se que somos seres em construção diária e, devido a isso, quando eu voltar para esta dissertação, estarei com um olhar renovado, com possibilidade de desvelar

ações intersubjetivas, a partir das quais o docente desenvolve seu pensar, sentir e olhar reflexivo sob os contextos vivenciados.

Desse modo, podemos considerar a escola como local de fala, que deve reconhecer o sujeito como autor da sua história, e também como local que propõe a reflexão crítica e desenvolve sua prática pedagógica com vistas à emancipação e à autonomia do aluno, em uma tarefa que caminha na contramão do sujeito objetificado e manipulável por tudo o que o meio social oferece.

Portanto, o diálogo é elemento imprescindível no desenvolvimento do conhecimento ao querer uma sociedade autônoma e emancipada. Necessita levar em consideração a relação da curiosidade estética com a curiosidade epistemológica, buscando investir na formação de professores para evitar que eles sejam reféns da má formação.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa autobiográfica – tempo, memória e narrativas. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **A aventura (auto) biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. **Crítica à indústria cultural**: comunicação e teoria da sociedade. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ALMEIDA, C. L. S. A Universidade da hermenêutica. **Veritas – Revista de Filosofia**. Porto Alegre: PUC, v. 44, n. 1, p. 33-59, maio. 1999.
- BERKEMBROCK-ROSITO, M. M. Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação. **Educação**. Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 487-500, set./dez. 2009.
- BERKEMBROCK-ROSITO, M. M. Colcha de Retalhos e a beleza da narrativa de si. *In*: PEREZ, L. M. V.; BERKEMBROCK-ROSITO, M. M.; JABLONSKI, A. D. (Orgs.). **Costurando as nossas histórias**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010. p. 34-53.
- BERKEMBROCK-ROSITO, M. M. Retalhos imaginativos: a dimensão estética nos processos formativos autobiográficos. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 48, p. 52-65, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/4753/3538>. Acesso em: 01 dez. 2021.
- BERKEMBROCK-ROSITO, M. M. Experiência estética e sentidos da arte de costurar narrativas autobiográficas. *In*: MONTEIRO, F. A.; NACARATO, A. M.; FONTOURA, H. A. (Orgs.). **Narrativas Docentes, memórias e formação**. Curitiba: CRV, 2016
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto, 1994.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRAGANÇA, I. F. S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.
- BRAGANÇA, I. F. S. Pesquisa-formação (auto)biográfica: reflexões sobre a narrativa oral como fonte e a compreensão cênica como caminho de análise. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B.; Bragança, I. F. S.; ARAÚJO, M. S. (Orgs.) **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 79-95.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - Covid-19. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BUENO, B. O. *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, 1993.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: DUFRN, 2014.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOX, M. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 1984.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2000.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7M6bwtNMyv7BqzDfKHFqx fh/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 01 dez. 2021.

GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. *In*: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, F. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, ago. 2006.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JIMENEZ, M. **O que é estética?** São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

LIBANEO, J. C. **A organização e a gestão da escola**: teoria e prática. 5 ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LIMA, M. S. L.; GOMES, M. O. Redimensionando o papel dos profissionais da educação: algumas considerações. *In*: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, E. S. **Formação contínua e práticas de leituras**: o olhar do professor dos anos finais do ensino fundamental. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 2014.

MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E. C. (Orgs.). **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: UFSM, 2017.

MOREIRA, M. A. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 1, n. 1. p. 131-142, 2004.

NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, A. Dize-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. *In*: FAZENDA, I. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

NOVOA, A. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo #22**, v. 7, n. 3, agp. 2020. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905/551>. Acesso em: 01 dez. 2021.

PASSEGGI, M. C. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. *In*: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In*: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Orgs). **Invenções de vida**: compreensão de itinerários e alternativas de formação. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

PASSEGGI, M. O sujeito autobiográfico: noções terminológicas para a pesquisa (auto)biográfica com crianças. *In*: PASSEGGI, M.; FURLANETTO, E.; PALMA, R. **Pesquisa (auto)biográfica, infância, escola e diálogos intergeracionais**, Curitiba: CRV, 2011.

PIMENTA, S. G. Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor. **R. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 22, n. 2 p. 72-89, jul./dez. 1996.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

SOUZA, E. C. Memória e formação de professores. Edição online. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, Sergipe, v. 4, p. 37-50, jul./dez. 2008.

SOUZA, Elizandra. **Águas da Cabaça**. 1. ed. São Paulo: Ed. do autor, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1999.

APÊNDICE – NARRATIVAS ESCRITAS

Texto integral (Maria Rodrigues)	1ª Redução	2ª Redução
Transcrição literal de excertos da narrativa	Sentenças sintéticas	Palavras – chave
<p>Como foi sua relação com o conhecimento? Foi uma relação de autoria ou submissão?</p> <p>O conhecimento promove a gente na sociedade. Através do conhecimento a gente consegue se ampliar, a gente consegue ter uma vida diferenciada. As oportunidades da vida da gente surgem através do conhecimento. Eu me lembro muito da dificuldade de se relacionar com a família e comunidade. Os esforços da gente eram muito fechados, não se tinha muito oportunidades e com o estudo a gente consegue se ampliar e ter outras oportunidades. Porque naquela época, as mulheres, a gente diz naquela época, mas, ainda hoje, a gente é tachada que mulher é para estar na cozinha. E não é. Então com o estudo a gente consegue se ampliar, a ser ouvida na sociedade, na comunidade e a gente consegue ter outras oportunidades. Com esse estudo eu consegui, fiz o normal lá no Ipu (1º ao 3º normal), depois fiz Estudos sociais na Uva em Sobral, depois fiz pós-graduação e com isso eu consegui me libertar, consegui meu espaço na sociedade e hoje eu sou quem eu sou graças ao meu estudo. É o estudo que faz a gente melhorar de vida e é ouvido na sociedade. Com o estudo a gente sabe o que é certo e o que é errado, isso tudo através do estudo, sem estudo a gente não tem oportunidade. Minha relação foi de autoria, eu tinha vontade própria, tinha vontade de estudar, sabia me dirigir e consegui vencer porque eu não era “bitolada”, sabia decidir o certo e o errado. Eu sabia o que eu queria e o que eu não</p>	<p>O conhecimento move a gente na sociedade. Através do conhecimento a gente consegue se ampliar, a gente consegue ter uma vida diferenciada. As oportunidades da vida da gente surgem através do conhecimento.</p> <p>Porque naquela época, as mulheres, a gente diz naquela época, mas, ainda hoje, a gente é tachada que mulher é para estar na cozinha. E não é. Então com o estudo a gente consegue se ampliar, a ser ouvida na sociedade, na comunidade e a gente consegue ter outras oportunidades.</p> <p>Minha relação foi de autoria, vontade própria, vontade de estudar, sabia me dirigir e consegui vencer porque eu não era “bitolada”, sabia decidir o certo e o errado.</p> <p>a gente não aguentava fica sem aula. Tinha</p>	<p>Conhecimento, oportunidade, direitos da mulher, Autoria Luta/reinvidicação Poder de decisão</p>

<p>queria fazia o que era justo, o que era certo, por isso nunca dependi de professor por que eu estudava e tinha minhas notas boas, estudava e passava.</p> <p>Como foi sua relação com o professor? Foi uma relação de autoria ou submissão?</p> <p>Minha relação com professor. Meus professores foram bons entre aspas. Até o 3 ° normal tudo OK. Nenhum problema. Na faculdade tínhamos os professores bons e os medíocres. Como a minha faculdade era nas férias, a gente não aguentava ficar sem aula. Tinha professor que não passa nada e um dos professores não dava aula. Fizemos um abaixo assinado consegui substituir um professor. O líder da sala Juriti não aceitava e nem a turma.</p> <p>Que aluna fui?</p> <p>Nunca tive dificuldade no contexto geral da faculdade. Eu trabalhava e nas férias eu fazia parcelado e eu deixava as crianças com o pai. Faculdade me deu a oportunidade de assumir o Estado, a pós-graduação foi outro degrau. Sou feliz. Como aluna e nem na faculdade não tenho paciência para enrolação. Reivindicava meus direitos. Eu preciso do dinheiro, mas tenho responsabilidade com relação ao aluno. Sempre fui responsável, ainda. Nunca fui submissa a ninguém sempre leva "carão" do Marido, mas não ligava. É do meu eu, desde pequena, dizer o que eu penso. Eu nunca fui submissa a nada, pode ser o prefeito e isso é muito bom ter o poder de falar e dizer o que não está certo, porque você é diretor da sua vida. E só o estudo de dar autoria a fala gente.</p>	<p>professor que não passa nada e um dos professores não dava aula. Fizemos um abaixo assinado consegui substituir um professor. O líder da sala Juriti não aceitava e nem a turma.</p> <p>Como aluna e nem na faculdade não tenho paciência para enrolação. Reivindicava meus direitos</p> <p>E só o estudo de dar autoria a fala gente.</p>	
--	---	--

Texto integral (Dulcinea Caetano)	1ª Redução	2ª Redução
Narrativa na Íntegra	Sentenças sintéticas	Palavras – chave
<p>Como foi sua relação com o conhecimento? Foi uma relação de autoria ou submissão?</p> <p>Eu acho que eu nunca fui submissa. Nem como criança. Era peralta que só. Logo tinha duas mulheres e sete homens. Eu era a segunda mais velha e o Aníbal meu irmão mais velho era muito pacato e obediente, eu já não era do mesmo jeito. Eu gostava de andar montada nos jumentos, nos burros, ia dar água aos animais. O que os meninos faziam eu gostava também de fazer. Toda vida fui curiosa, gostava de saber as coisas. E o papai sabia lê muito, mas ele tinha um costume de se deitar após o almoço e mandar a gente ficar em volta e a Hosana lê para nós. Era aula de curiosidade, eu tinha uns livros de como se comportar nos acontecimentos, nos aniversários, como deve receber uma pessoa. Ela lia e ele também fazendo a leitura. Minha primeira escola foi no grupo escolar na casa da professora Fransquinha Prado. Fiz do primário a 3º série aqui em Macaraú. Primário fiz a 3º série no patronato como interna. Ginásio São José 4º série fiz exame de admissão fiquei 4 anos como interna. Fui oradora da turma, não gostava da matemática, mas corrigi na faculdade. Eu era religiosa e era professora no colégio Jesuítas e as irmãs Bernardinas tomavam conta. Fiquei 7 anos em Curitiba e nesse período uma irmã chegou e perguntou se queria fazer faculdade e pediu para escolher o curso. Me deu a oportunidade de escolher. Como toda vida eu gostei de história, geografia, ciências e</p>	<p>Eu acho que eu nunca fui submissa.</p> <p>Toda vida fui curiosa, gostava de saber as coisas.</p> <p>Toda vida eu gostei de história, geografia, ciências e novidade e saber as coisas do mundo.</p> <p>Tinha 3 anos de curso foi transferida para Porto Alegre. Tudo bem tinha que obedecer porque tinha feito voto de obediência.</p> <p>Relação Cordial.</p> <p>Estava num período difícil por conta da Ditadura, tínhamos debates, nunca deixei de falar.</p>	<p>Autoria (em algumas situações)</p> <p>Curiosidade, Ciências Humanas, Ditadura, Obediência/submissão, Relação professor-aluno satisfatória. Respeito imposto</p>

novidade e saber as coisas do mundo. Tivemos duas semanas para estudar. Fiz Ciências Sociais passamos. Eu passei e deu certo fazer ciências Sociais porque era as matérias que eu gostava ciências, geografia, história, sociologia e a gente tinha muitos debates era época da ditadura. A nossa professora de sociologia era dona Olga Mattar. Tínhamos debate enorme. Eu sentia afinidade porque eu gostava de história e geografia por isso escolhi o curso de ciências Sociais, tinha 3 anos de curso foi transferida para Porto Alegre. Tudo bem tinha que obedecer porque tinha feito voto de obediência. Fui com pesar, por conta das amizades. O grupo de trabalho. Dava aula nas duas escolas das religiosas. Conclui a faculdade na PUCRS e continuei lecionando no curso normal. (Fui para SP e sai do convento.) Na visita ao papai ele pediu para eu voltar e como tinha votos perpétuo tive que escrever Roma solicitando a saída da congregação.

Como foi sua relação com o professor? Foi uma relação de autoria ou submissão?

Relação Cordial. Estava num período difícil por conta da Ditadura, tínhamos debates e era como a Maria, nunca deixei de falar.

Que aluna fui?

Eu me comunicava com facilidade, sendo até mais nova que os professores, todos me respeitavam, também por conta do uso do hábito de religiosa.

Texto integral (Alba Flaviana)	1ª Redução	2ª Redução
Narrativa na Integra	Sentenças sintéticas	Palavras chave –
<p>Como foi sua relação com o conhecimento? Foi uma relação de autoria ou submissão?</p> <p>Comecei em Santa Quitéria, passei dois anos em Santa Quitéria. Meu pai me deixou em março e foi me ver em maio e eu pedi para me tirar de lá porque só tinha velho. Eu ia a cavalo para Santa Quitéria. Fui para o colégio Sant'Ana, fiz o teste de admissão. Comecei em Santa Quitéria, fiquei lá durante dois anos, no 3º e 4º anos. Fui para casa de família. Passei três meses na casa de Iracema Catunda, mas lá só tinha velhos, eu só vivia chorando, papai me deixou no dia 07 de março e em maio ele foi lá. Assim que eu vi o papai, comecei a chorar e disse: papai não fico aqui não. Quem havia arranjado essa casa de família era o Pe. João Batista. Aí papai foi falar com o Pe. João Batista e ele arranjou para eu ficar interna no colégio. O professor era do Crato, lá eu passei o resto do ano. Toda vida estudei muito, graças a Deus. Agora minha cabeça que não era muito boa, eu sou esquecida. Passei o resto do ano, e quando foi no outro abo fui para casa da dona Olga. Lá era muito bom, era pertinho do colégio. Lá tinha três moças. Uma era muito inteligente, toda prova dela era 10, 10 era 10, era 10. Tinha a Maria Cadin que vivia só para rezar. Não tinha transporte e eu ia a cavalo e voltava. No outro ano fui para Sobral, fui para o colégio Sant'Ana e fiz exame de admissão e passei e fiquei estudando no colégio Sant'Ana, na casa do Raimundo Lopes era genro do João Parente. Passei 7 anos. Lá era muito bom, era uma mãe para mim, logo eu não saia e estudava muito. Todavia, eu estudei</p>	<p>Toda vida estudei muito.</p> <p>Fui para o colégio Sant'Ana e fiz exame de admissão e passei e fiquei estudando lá.</p> <p>Toda vida minha chamava de professora, pensei em cursar odontologia, mas era difícil.</p> <p>A mestra Aureliana muito séria, ninguém nem falava com ela, porque tinha medo. Tinha a que ficava na porta.</p> <p>Eu era muito calma, calada e elas não diziam nada.</p>	<p>Estudo, Exame de admissão, Desistência, Medo, Opressão, Silêncio, Submissão Obediência</p>

<p>muito sempre tirava nota boa. Agora tinha uma Socorro Barreto era quem tirava o 1º lugar, porque lá no colégio Sant'Ana quem tirava o 1º lugar desde o jardim até se diplomar ganha uma medalha de ouro. Aí eu cheguei tomar o lugar da Socorro. 1 mês era eu e outro mês era ela. Aí a gente ia reversando, graças a Deus nunca me aperreei, sempre tirava nota boa, nunca fiquei de 2º época também ninguém saía, era só estudando. Engraçado que tinha uma mala. Na casa tinha a Ritinha que foi suspensa uma semana, ela ia com a gente e ficava na rua, pedia para a gente não dizer Dona Ritinha. Quando terminava nossa aula ela acompanhava a gente de volta para a casa. E nós nunca descobrimos. Toda vida minha chamava de professora, pensei em cursar odontologia, mas era difícil. Passei 5 anos ensinando particular, vinha aluno de todo canto.</p> <p>Como foi sua relação com o professor? Foi uma relação de autoria ou submissão?</p> <p>A mestra Aureliana muito séria, ninguém nem falava com ela, porque tinha medo. Tinha a que ficava na porta.</p> <p>Que aluna fui?</p> <p>Eu era muito calma, calada e elas não diziam nada.</p>		
---	--	--

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E REGISTRO
DE IMAGENS

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DAS TEIAS DO VIVIDO À TESSITURA DE SI POR MEIO DE NARRATIVAS ESCRITAS DE PROFESSORAS: UMA DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS, que tem como pesquisadores responsáveis Sinara Mota Neves e Ana Paula Martins Farias Vasconcelos. Esta pesquisa pretende compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras, na reflexividade (auto)biográfica, elaborada na narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, destacando como a formação das docentes reverbera as nossas práticas pedagógicas.

O motivo é a necessidade de estudar as memórias de cada professora, na condição de aposentadas, residindo em compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras que atualmente se encontram na condição de docentes aposentadas, na reflexividade (auto)biográfica, por meio da narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos. Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, **ALBA FLAVIANA SOUSA DE MESQUITA** autorizo o uso de:

- () Minhas imagens (fotos)
 () minha voz
 (X) minhas imagens (fotos) e minha voz

Alba Flaviana S. de Mesquita
Assinatura do participante da pesquisa

Ana Paula Martins Farias Vasconcelos
Assinatura do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E REGISTRO
DE IMAGENS

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DAS TEIAS DO VIVIDO À TESSITURA DE SI POR MEIO DE NARRATIVAS ESCRITAS DE PROFESSORAS: UMA DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS, que tem como pesquisadores responsáveis Sinara Mota Neves de Almeida e Ana Paula Martins Farias Vasconcelos. Esta pesquisa pretende compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras, na reflexividade (auto)biográfica, elaborada na narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, destacando como a formação das docentes reverbera as nossas práticas pedagógicas.

O motivo é a necessidade de estudar as memórias de cada professora, na condição de aposentadas, residindo em compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras que atualmente se encontram na condição de docentes aposentadas, na reflexividade (auto)biográfica, por meio da narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos. Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, **DULCINEA CAETANO DE MESQUITA** autorizo o uso de:

- () Minhas imagens (fotos)
 () minha voz
 (X) minhas imagens (fotos) e minha voz

Dulcinea Caetano de Mesquita
Assinatura do participante da pesquisa

Ana Paula Martins Farias Vasconcelos
Assinatura do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E REGISTRO
DE IMAGENS

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DAS TEIAS DO VIVIDO À TESSITURA DE SI POR MEIO DE NARRATIVAS ESCRITAS DE PROFESSORAS: UMA DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS, que tem como pesquisadores responsáveis Sinara Mota Neves de Almeida e Ana Paula Martins Farias Vasconcelos. Esta pesquisa pretende compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras, na reflexividade (auto)biográfica, elaborada na narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, destacando como a formação das docentes reverbera as nossas práticas pedagógicas.

O motivo é a necessidade de estudar as memórias de cada professora, na condição de aposentadas, residindo em compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras que atualmente se encontram na condição de docentes aposentadas, na reflexividade (auto)biográfica, por meio da narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos. Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, **MARIA RODRIGUES MARTINS FARIAS** autorizo o uso de:

- () Minhas imagens (fotos)
 () minha voz
 (X) minhas imagens (fotos) e minha voz

Maria Rodrigues M. Farias
 Assinatura do participante da pesquisa

Ana Paula Martins Farias Vasconcelos
 Assinatura do pesquisador responsável

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E REGISTRO
DE IMAGENS**

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar, na condição de intérprete de Libras, do videodocumentário que é produto educacional do mestrado profissional, cuja pesquisa é intitulada: MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: DAS TEIAS DO VIVIDO À TESSITURA DE SI POR MEIO DE NARRATIVAS ESCRITAS DE PROFESSORAS: UMA DIMENSÃO DA COLCHA DE RETALHOS, que tem como pesquisadores responsáveis Sinara Mota Neves de Almeida e Ana Paula Martins Farias Vasconcelos. Esta pesquisa pretende compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras, na reflexividade (auto)biográfica, elaborada na narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos, destacando como a formação das docentes reverbera as nossas práticas pedagógicas.

O motivo é a necessidade de estudar as memórias de cada professora, na condição de aposentadas, residindo em compreender o alcance da escuta sobre a formação das professoras que atualmente se encontram na condição de docentes aposentadas, na reflexividade (auto)biográfica, por meio da narrativa escrita, uma dimensão da Colcha de Retalhos. Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, **ANTÔNIO RODRIGUES VIEIRA FILHO** autorizo o uso de:

- () Minhas imagens (fotos)
 () minha voz
 (X) minhas imagens (fotos), expressões faciais e corporais (Língua de sinais)

Antônio Rodrigues Vieira Filho
 Assinatura do participante da pesquisa (Intérprete de Libras)

Ana Paula Martins Farias Vasconcelos
 Assinatura do pesquisador responsável

Memórias, Trajetórias e Reflexões

(Ana Paula Martins Farias Vasconcelos)

Vida acadêmica – caminhar
Livros, estudos e produto profissional a pensar
Sabores e dissabores a vivenciar
Alegrias a compartilhar
E todas as sextas-feiras de Sobral, Fortaleza, Redenção e Maranguape viajar...

Ler, Compreender, Escrever, Refletir,
Aprender, Ensinar, Avaliar,
Construir, Fichar, (Auto)Formar,
Inquietar, Aquietar, Partilhar,
Intencionalizar, Vivenciar, Investigar,
esses e outros verbos que foram para além de conjugar...

O 1º semestre já se foi
Enquanto o 2º também voou,
Pois a quarentena nos desnor-teou,
E outro jeito de viver nos ensinou.
Enquanto isso, a sobrecarga aumentou
e, conectada à turma, continuou.

As tessituras para iniciar,
e a cada aula uma mandala,
em cada encontro a se ritualizar,
e nosso conhecimento aflorar.
Em cada retalho, conhecimento a acrescentar,
Crenças e saberes partilhar.

Ação refletida e ressignificada,
Anunciar, Citar e Comentar
na prática pedagógica não podiam faltar,
pois até na era hora de qualificar,
é preciso com aprofundamento pesquisar.

Pesquisa não é só pesquisar,
Se pesquisa para investigar,
é incluir a fala do sujeito ao dissertar
e não deixar os fenômenos nos desumanizar.
É preciso experimentar e nos transformar,
nosso objeto de pesquisa delinear

Foco, força e fé.
A pesquisa exige tempo para aprofundar
e o processo deslançar.
Não só com a chegada você deve se contentar,
muitos significados encontrará ao caminhar
porque o fim é sempre um começo,
E o começo só se dá quando partimos de uma finalidade,
é justamente na certeza da chegada
que alicerçamos os critérios para a partida.

E as narrativas são apenas isto:
memórias na tentativa de compreender quem eu sou
porque estamos o tempo todo diante de nós mesmos,
nos procurando fora de nós
quando o que buscamos se encontra dentro de nós,
nas relações que estabelecemos com o mundo e com o outro

De tudo no Mestrado serei atento,
de tudo o que no Mestrado for experimentado
será transformado em aprendizado,
e, no final, a lembrança de cada um num grande laço,
o conhecimento foi afetado e efetivado
na certeza que a escrita foi um grande achado,
para alunos e professores êxito conquistado,
e nada mais poderá ficar parado.

ANEXO – MEU RETALHO DO MESTRADO UNILAB-IFCE



